



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
CAMPUS XIV – CONCEIÇÃO DO COITÉ  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL EM RÁDIO E TV**

**LIVRO-REPORTAGEM**

**"MEMÓRIAS IMPRESSAS DO PAPEL À AÇÃO: A TRAJETÓRIA  
DO JORNAL 'O CATADOR' EM QUEIMADAS"**

**Conceição do Coité – BA, 2025**

**BÁRBARA VITÓRIA BRANDÃO DE SOUZA AQUINO**

**"MEMÓRIAS IMPRESSAS DO PAPEL À AÇÃO: A TRAJETÓRIA  
DO JORNAL 'O CATADOR' EM QUEIMADAS"**

**Conceição do Coité – BA, 2025**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>07</b>
<b>I DO PAPEL À AÇÃO</b>	<b>08</b>
<b>II “O CATADOR”</b>	<b>13</b>
<b>III DESAFIOS DA PALAVRA ESCRITA</b>	<b>18</b>
<b>IV NARRATIVAS, HISTÓRIA E MEMÓRIA</b>	<b>27</b>
<b>V O PAPEL DAS MULHERES CATADORAS: BÁRBARA &amp; MARILVA</b>	<b>35</b>
<b>VI UNEB, O AGENTE DE MUDANÇA</b>	<b>38</b>
<b>VII “O CATADOR”: MUITO ALÉM DE UM JORNAL IMPRESSO</b>	<b>43</b>
<b>VIII CONCLUSÃO</b>	<b>44</b>

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Todo-Poderoso, fonte de luz e sabedoria, minha eterna gratidão. Aos irmãos de luz que sempre me guiaram nesta jornada, iluminando meu caminho com amor e proteção.

Chegar até aqui foi um caminho repleto de desafios, descobertas e, sobretudo, de pessoas que iluminaram cada passo dessa trajetória.

À minha irmã, Marilva Wezzia (in memoriam), eterna catadora de informação, amiga leal e criadora do jornal “O Catador”, dedico este trabalho com todo o meu amor e saudade. Sua paixão pelo jornalismo e seu compromisso com a verdade continuam a me inspirar diariamente. Mesmo ausente fisicamente, sua presença é sentida em cada linha escrita e em cada conquista alcançada.

Ao meu filho, Fábio Luiz, que com sua confiança e amor incondicional, me motivou a persistir mesmo nos momentos mais difíceis. Você é a razão do meu esforço e a inspiração para seguir em frente. Agradeço por estar ao meu lado, oferecendo apoio, compreensão e carinho. Sua presença tornou esta jornada mais leve e significativa.

À minha mãe, mulher de fé inabalável, que sempre nos incentivou a sonhar alto e a acreditar no impossível. Sua força e dedicação foram fundamentais para que eu pudesse trilhar este caminho. Ao meu pai, Marivaldo Campos, aos meus irmãos Lázaro, Jerônimo e Marivaldo, por me ajudarem na permanência acadêmica.

A Jamille Graciene, filha de Marilva, por permitir e autorizar o registro da nossa obra, gratidão!

Aos professores da UNEB, Campus XIV, Moisés, Vera, Patrícia, Clediana e Nisia. Nos momentos mais desafiadores desta jornada, especialmente na reta final, vocês estiveram presentes, oferecendo apoio, orientação e incentivo.

Muito obrigada às minhas eternas crianças: Shirley, Clediane e Francielle. Foi por vocês que fizemos “O Catador”. À comunidade da Praça da Liberdade e à nossa querida amiga Aline Silva: essa história é nossa.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste livro, minha eterna gratidão.

Dedico este trabalho à minha irmã, Marilva Wezzia Brandão de Souza (in memoriam), cuja inspiração mim fez viver tudo o que podíamos ao nosso redor: descobrir, experimentar e recomeçar. Essa foi a nossa história.

## APRESENTAÇÃO

### Uma carta ao leitor: Entre memória, dor e resistência.

#### Caro “catador” de informação!

Escrevo estas linhas com o coração atravessado por lembranças, cicatrizes e esperança. Este livro é mais do que um livro — é um tributo. Um gesto de resistência gravado em palavras. Uma tentativa de eternizar, no papel, a força de um projeto que nasceu de um sonho simples, mas ousado: o de comunicar, informar e provocar reflexão em um povo muitas vezes silenciado.

“O Catador” nasceu em Queimadas, território do sisal, sertão da Bahia, criado por mim e minha irmã — duas mulheres inquietas, determinadas, e naquela época, sem compreender totalmente o que poderia representar uma folha impressa em meio a uma comunidade carente, sofrida e marcada pela exclusão. Como falar de imprensa onde ainda faltava pão? Como levar consciência crítica onde a identidade foi, por gerações, negada, marginalizada, corrompida?

Não foi fácil. Olhavam-nos com desconfiança. Riam. Chamavam-nos de loucas. Duvidei. Choramos. Mas seguimos. A cada edição impressa, catamos mais do que notícias: recolhemos histórias, dores, entretenimento. Demos voz a quem nunca tinha sido escutado. Desafiamos a estrutura de uma política suja, clientelista, moldada na impunidade. Despertamos uma Queimadas que, por tanto tempo, foi anestesiada.

Carregamos feridas. A mais dolorida delas foi a partida de Marilva, minha irmã, minha companheira de luta, que nos deixou durante os festejos da tradicional Lavagem de Queimadas. Uma ironia trágica e simbólica: naquele momento em que o povo curtia sua tradicional festa carnavalesca, eu precisei encontrar força para continuar sozinha o que havíamos começado juntas.

“O Catador” não foi só um jornal — foi uma trincheira. E hoje, ao transformar essa história em livro-reportagem, quero mais uma vez dizer: resistimos. E deixamos um legado. Ético, firme e dolorosamente necessário.

Este livro é um convite à memória coletiva. À reflexão. À escuta. É um chamado para que nenhuma comunidade se perca de si mesma, para que nenhuma identidade seja apagada, e para que a verdade, mesmo atravessada de dor, continue sendo dita.

Com afeto e resistência,

Bárbara Vitória Brandão de Souza.

## CAPÍTULO I DO PAPEL À AÇÃO

**"Antes de compartilhar minha história, é importante que vocês conheçam Queimadas — o lugar onde tudo começou..."**

Localizada no interior do estado da Bahia, a cerca de 300 quilômetros da capital Salvador, Queimadas é uma cidade marcada por raízes históricas profundas e uma cultura sertaneja forte. Sua origem remonta ao século XVII, quando a região era habitada por povos indígenas, antes de ser ocupada por latifúndios ligados à Casa da Ponte. O nome "Queimadas" surgiu da prática comum na região de preparar a terra através de queimadas na vegetação da caatinga.

Em 1815, foi construída uma capela dedicada a Santo Antônio, após o suposto reaparecimento milagroso de uma imagem do santo — fato que alimenta a religiosidade local até hoje. Conta-se que, em determinado lugar do sertão (inclusive em Queimadas, BA), havia grande devoção a Santo Antônio, considerado milagroso por muitos fiéis. Mas em certo momento, os moradores da região começaram a achar que o santo não estava mais atendendo seus pedidos — especialmente os ligados à chuva, fartura ou causas amorosas, muito comuns nas rezas populares.

Revoltados com o silêncio do santo, alguns devotos resolveram "castigá-lo", numa mistura de fé, desespero e irreverência típica da religiosidade popular nordestina. A imagem de Santo Antônio foi:

Amarrada com cordas ou correntes — “preso” até cumprir o pedido.

Colocada de cabeça para baixo dentro de potes, buracos ou até no poço — como punição por não “ouvir”.

E, em algumas versões extremas da lenda, ameaçada com fogo ou “queimada”, como gesto simbólico de protesto.

Por fim, acreditando que o santo “cedeu” e realizou a graça, os fiéis o libertavam, limpavam a imagem e faziam promessas e agradecimentos.

Essa história não é literal nem reconhecida oficialmente pela Igreja Católica. Trata-se de uma expressão simbólica e afetiva do catolicismo popular, onde o santo é tratado com intimidade, como um amigo que “precisa ser lembrado” de suas responsabilidades com o povo.

É uma forma de expressar a relação próxima, quase humana, entre fé e cotidiano — um traço típico da cultura religiosa do sertão brasileiro.

A cidade foi elevada à freguesia em 1842 e, posteriormente, à categoria de vila em 1887, sendo oficialmente reconhecida como município com o nome simplificado de Queimadas em 1915.

Ao longo dos anos, parte de seu território deu origem a novos municípios, como Itiúba e Santa Luzia (1935) e Nordestina (1985), mas Queimadas preserva seu protagonismo regional. A construção da estação ferroviária em 1886 marcou um período de conexão com o restante da Bahia e teve papel histórico na passagem das tropas da Guerra de Canudos.

Outro fator histórico vivido pelo município, a invasão de Lampião em Queimadas (Bahia) — 22 de dezembro de 1929. No final da década de 1920, o sertão nordestino vivia sob o medo constante do cangaço. Virgulino Ferreira da Silva, o temido Lampião, já era uma figura lendária, conhecido por seus ataques violentos, estratégias de guerra e ações que misturavam justiça própria e crueldade extrema. Foi nesse contexto que, no dia 22 de dezembro de 1929, Queimadas, no interior da Bahia, entrou para a história ao ser invadida por Lampião e seu bando.

Naquele domingo, o grupo de cerca de 17 cangaceiros chegou à cidade transportado em um caminhão da antiga IFOCS (atual DNOCS), vindo da cidade vizinha de Cansanção, que já havia sido saqueada. Eles desembarcaram na região conhecida como Passagem, às margens do Rio Itapicuru, por volta das 15 horas.

Logo ao chegar, Lampião dividiu seus homens em dois grupos. Um se dirigiu à estação ferroviária, onde cortaram os fios do telégrafo e prenderam o telegrafista. O outro grupo atacou o quartel da Polícia Militar, prendendo os soldados que estavam de serviço. Esses soldados foram colocados na cadeia pública, e Lampião mandou soltar os presos comuns.

O terror, no entanto, ainda estava por vir. Já no final da tarde, os soldados — sete ao todo — foram retirados um a um da cadeia e executados publicamente com punhaladas ou tiros. Entre eles estavam Olímpio B. de Oliveira, Aristides Gabriel de Souza, José Antônio Nascimento, Inácio Oliveira, Antônio José da Silva, Pedro Antônio da Silva e Justino Nonato da Silva. A cena foi marcada por crueldade: relatos afirmam que um dos cangaceiros, o jovem Volta Seca, limpou o sangue do punhal com a própria língua após uma das execuções.

O único que escapou da morte foi o sargento Evaristo Carlos da Costa, comandante do destacamento, que teve sua vida poupada graças à intervenção de uma moradora chamada Dona Santinha (Austriana). Ela ofereceu um pingente de ouro a Lampião, que aceitou o presente e decidiu perdoar o sargento — uma das muitas histórias que reforçam o lado ambíguo do cangaceiro: implacável, mas às vezes sensível a gestos de coragem ou devoção.

Depois da chacina, Lampião tomou a cidade. Exigiu dos comerciantes 22 contos de réis (uma quantia muito alta para a época), saqueou armazéns e lojas, e ainda obrigou os

moradores a participarem de um baile durante a noite. Há relatos de que ele chegou a assistir a um filme no cinema da cidade, como se fosse um ato de completa dominação e escárnio.

Na madrugada, antes do amanhecer, o bando partiu, levando dinheiro, objetos de valor e deixando para trás o trauma profundo de um massacre, que marcou para sempre a memória coletiva de Queimadas.

Essa passagem de Lampião pela cidade é lembrada até hoje como um dos momentos mais trágicos de sua história. Mais do que um simples ataque, foi um exemplo claro de como o cangaço se impunha não apenas pela força, mas pelo medo, pela simbologia e pela teatralidade da violência. Uma cicatriz aberta que ainda ecoa nas lembranças da região.

Em termos geográficos, o município possui uma área de aproximadamente 2.011 km<sup>2</sup>, com destaque para o Rio Itapicuru e a Serra das Marrecas. A cidade tem um clima semiárido, típico do sertão, e uma paisagem marcada pela vegetação da caatinga.

Segundo dados do Censo de 2022 do IBGE, Queimadas possui cerca de 25.988 habitantes, número estimado em 27.362 para 2024. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) apresentou avanços ao longo das últimas décadas, passando de 0,267 em 1991 para 0,592 em 2010. Ainda assim, a cidade enfrenta desafios econômicos, com um PIB per capita estimado em pouco mais de R\$ 10 mil, abaixo da média estadual.

Mas é nesse chão de contrastes, história e resistência que minha jornada começou. Uma terra onde tradição e lutas andam lado a lado, e onde, apesar das dificuldades, nasce histórias de transformação e esperança.

Nos idos de 2010, após minha demissão do CRAS<sup>1</sup> (Centro de Referência da Família), eu me encontrava profundamente desiludida com os rumos da política local. Queimadas respirava uma politicagem suja, marcada por acordos escusos, troca de favores e a eterna disputa entre grupos que se revezavam no poder, sem jamais se importar com o povo. Naquele período, o então prefeito da época enfrentava suspensão por compra de votos — cimento em troca de consciência. Um absurdo, essa memória reflete um período de medo, o povo queimadense silenciou-se por medo. Muitos sabiam que o ocorrido era uma “cena armada” pelo grupo opositor que conseguiu, através de disputa judicial, afastá-lo, tendo como único objetivo a busca do poder, retirando do prefeito o direito de seguir como representante do povo daquela época. E ainda mais revoltante: a cidade já havia ganhado

---

<sup>1</sup>CRAS (Centro de Referência de Assistência Social): equipamento público estatal da política de assistência social, responsável por ofertar serviços, programas e benefícios socioassistenciais no âmbito da proteção social básica, buscando prevenir situações de risco e vulnerabilidade social, conforme preconizado pelo Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

notoriedade nacional por um escândalo inaceitável — a venda de uma praça pública pelo prefeito Maurinho, em 2008, a um cigano como forma de pagamento de uma dívida de campanha deste grupo, mas naquele período o fato não levou à cassação de mandato.

Era assim que se conduzia a máquina pública em Queimadas: controlada por famílias tradicionais, que tratavam o município como herança, como se fossem donas do destino do povo. E em meio a essa paisagem de retrocesso e injustiça, batiam à minha porta três pequenas vidas: Shirley, Clediane e Francielle. Todas as tardes, vinham à minha casa, na Rua Elzio Ferreira, número 58, no centro da cidade, onde eu morava, e me chamavam:

— Bárbara, vamos voltar com as atividades? A gente sente falta...

Aquelas meninas, filhas dessa terra marcada por tragédias sociais e humanas, me faziam lembrar que a esperança ainda insistia em florescer, mesmo no solo mais seco. Elas eram o retrato da ausência do Estado, mas também da força da infância. Naquele momento, percebi que não podia cruzar os braços. Que, mesmo cansada, frustrada, eu ainda tinha um papel.

Foi assim que nasceu o projeto “A importância do ato de ler: cuidando do meio ambiente!” — uma iniciativa social, simples, nascida do afeto e da necessidade. Um espaço onde leitura, cuidado, escuta e consciência ambiental se entrelaçavam. Não tínhamos recursos, mas tínhamos vontade. Não tínhamos apoio institucional, mas tínhamos crianças que queriam aprender e ser vistas.



À direita da foto, Shirley, Clediane e Francielle.

A partir da leitura, comecei a semear outro tipo de entendimento sobre o mundo. Mostramos que era possível resistir à sujeira política cuidando da vida, do saber, da terra e de si. Transformamos papel em semente, desigualdade em lição, silêncio em fala.

Esse projeto é, até hoje, uma das respostas mais bonitas que encontrei diante de tanta omissão. Porque, no fim, quando tudo desaba, ainda são as crianças — sempre elas — que nos mostram o caminho de volta.



À direita da imagem, Bárbara Vitória e a mãe de Shirley — marco inicial da trajetória (onde tudo começou).

Naquele mesmo período, coincidiu a vinda de Marilva para morar em Queimadas. Quando aceitei retomar as atividades na Praça da Liberdade, convidei minha colega Aline Silva para participar da ação. Juntas, eu, Marilva e Aline passamos dois

meses realizando encontros semanais na residência de Shirley, onde reuníamos cerca de quarenta crianças com atividades lúdicas e um referenciamento socioeducativo, ainda que de forma simples e improvisada.

Apesar das limitações, havia ali um compromisso genuíno com a transformação social. Conseguimos firmar parceria com dois comerciantes da comunidade, que passaram a disponibilizar um carro de som para nos apoiar na divulgação e nas atividades com as crianças.



Ação de mobilização no centro de Queimadas, 2011.

Foi então que Marilva, ao perceber a necessidade de fortalecer o projeto e garantir sua continuidade, teve uma ideia: criar algo que somasse à ação, que gerasse algum sustento e ainda permitisse o pagamento das três mulheres envolvidas no trabalho. Essa iniciativa seria mais que um complemento — seria uma estratégia de resistência,

autonomia e dignidade.

Foi nesse momento que nasceu a ideia de fazer um jornalzinho de bairro — algo simples, acessível, que tivesse como foco a divulgação do comércio local. A proposta era que o conteúdo fosse composto apenas por publicidade de lojas e estabelecimentos da cidade, como uma forma de gerar alguma renda que ajudasse a sustentar o nosso projeto social.

Marilva, com sua criatividade e vontade de fazer acontecer, criou inicialmente o jornal “Flexa”, que circulou por cerca de três meses em Queimadas. Foi uma experiência desafiadora, mas necessária. E foi nessa caminhada que contamos com uma parceria muito especial: Proprietário da Rádio Tropical Sat.

Na época, nos apoiou financeiramente, mas pediu que essa ajuda não fosse divulgada. Mesmo sendo uma figura pública, e não atuando politicamente no território do Sisal, ele fez questão de destacar que aquele apoio não vinha do cargo, nem tinha qualquer interesse político. Era uma ação pessoal, solidária, generosa — um gesto silencioso de quem compreendia a importância do que estávamos construindo.

Conhecíamos o empresário desde a nossa trajetória profissional em Salvador, e sua confiança e contribuição foram fundamentais naquele momento. Hoje, com o coração sereno, sinto que é justo contar essa história. Não seria coerente falar do papel à ação — do impacto real do nosso trabalho — sem mencionar a presença importante desse ser humano incrível, que, mesmo nos bastidores, foi peça-chave na continuidade do nosso sonho.

A repercussão do jornalzinho “Flexa” foi surpreendente e, de certa forma,

empreendedora. Durante os três meses em que circulou, minha irmã Marilva divulgou praticamente todos os comércios da cidade — e fez isso de forma gratuita. Ela não apenas entregava os exemplares, como também catalogou todos os estabelecimentos da sede de Queimadas, um trabalho minucioso e pioneiro para a época.

O maior desafio dessa ação foi perceber que quase nenhum dos comércios tinha um slogan. A maioria sequer possuía um logotipo estruturado — usavam apenas nomes em fontes gráficas aleatórias, sem qualquer identidade visual. Foi a partir daí que percebemos o quanto a cidade ainda era provinciana em termos de comunicação e marketing.

Estávamos apenas começando a viver o processo de democratização do acesso à internet. Em Queimadas, a comunicação local ainda se fazia com carro de som, faixas penduradas nos postes e muros da cidade. As informações mais relevantes eram consumidas pela chamada rádio de poste, aquele alto-falante instalado em praças e esquinas, que narrava o cotidiano da cidade em alto volume.

Naquele momento, também começava a implantação da rádio comunitária em Queimadas — um avanço importante, mas ainda incipiente. Todo esse cenário nos mostrou que estávamos diante de uma oportunidade: contribuir não apenas com a educação e o social, mas também com a evolução da identidade e da comunicação local.

Outro fator ousado e importante nessa trajetória foi a parceria que Marilva buscou com o Sebrae, em Salvador. Naquela época, o Sebrae estava iniciando a implantação do MEI (Microempreendedor Individual) no estado da Bahia — e, mais uma vez, Marilva foi visionária. Ela se tornou pioneira na região do sisal, enxergando no empreendedorismo uma forma de emancipação para o povo de Queimadas.

Foi ela quem entrou em contato com o diretor do departamento do MEI, e o convidou para vir até Queimadas. Ele aceitou. Veio pessoalmente realizar uma palestra sobre a importância de formalizar o trabalho, se tornar empresa, se reconhecer como trabalhador com direitos e deveres. Foi um momento histórico.

Marilva conseguiu cadastrar todos os feirantes da sede da cidade, formalizando sua atividade. Na época, um feirante se destacou como representante desse grupo. Mas infelizmente, como tantas vezes acontece, o sucesso da ação chamou a atenção dos que vivem da manipulação política.

O feirante, junto com o então vice-prefeito, se apropriou da iniciativa. Sem qualquer envolvimento com o processo, começaram a divulgar na rádio comunitária Queimadas FM que foram eles quem trouxeram o Sebrae para o município. Fizeram propaganda como se fossem os articuladores da ação — apagando completamente o protagonismo de Marilva.

Essa foi a primeira represália que sofremos. Ali, eu e minha irmã sentimos com clareza: estávamos mexendo com estruturas de poder, com gente acostumada a controlar as ações e narrativas da cidade. E quando duas mulheres se levantam, fora das engrenagens partidárias, sem depender dos favores de sempre, o incômodo é imediato.

Mas mesmo diante do roubo simbólico da nossa ação, não paramos. Porque sabíamos que, no fundo, a transformação já estava acontecendo — e era no coração do povo que ela estava sendo plantada.

A revolta das camadas populares foi tremenda. Depois daquele episódio de apropriação da nossa ação com o Sebrae, algo bonito aconteceu: mais crianças e familiares começaram a se unir ao nosso projeto socioeducativo. Ganhamos força. A casa de Shirley e Francielle já não comportava tanta gente — o espaço, antes acolhedor, agora estava pequeno diante da demanda que só crescia.



Ação com as crianças do projeto



Foi nesse momento que tivemos o apoio total dos nossos pais, especialmente da nossa mãe, que ofereceu a garagem da nossa casa para que pudéssemos continuar com as atividades. A garagem virou sala de aula, biblioteca social improvisada, palco de brincadeiras, espaço de cuidado e de resistência.

Mas com o aumento das crianças, crescia também nossa preocupação: como continuar sem dinheiro? Foi então que tomamos uma decisão importante: mudar o perfil do jornal. Deixamos de lado o formato simples de divulgação comercial e decidimos transformar o jornal em um tabloide, com conteúdo mais amplo, reportagens e posicionamento social.

Foi quando enfrentamos mais uma decepção. Ao contar ao nosso parceiro e amigo sobre a ideia de ampliar o jornal, ele, com pesar, nos revelou que o grupo político ao qual estava vinculado já havia descoberto que ele nos ajudava financeiramente. Por ocupar um cargo no governo, ele não podia seguir nos apoiando para não causar atrito com seus aliados. Foi duro ouvir aquilo. Sentimos que voltávamos à estaca zero.



## CAPÍTULO II

### “O CATADOR”

A amizade sempre foi uma porta aberta na nossa caminhada. Desde o início, foi através de laços sinceros de confiança e respeito mútuo que conseguimos firmar parcerias essenciais para a continuidade do nosso trabalho.

Uma dessas parcerias mais significativas surgiu com o Forró do Sfrega. Paulinho e Gabriela Coutinho sempre nos acolheram, não apenas como imprensa, mas como agentes de transformação social. Eles enxergaram em nós mais do que um projeto — viram propósito, entrega e seriedade.



À DIREITA PAULINHO DO SFREGA & BÁRBARA VITÓRIA.

EDIÇÃO ANO I Nº 05 JULHO 2010 PAG. 01 & 04.

Com eles, firmamos nosso primeiro contrato de peso: uma permuta de veiculação com “O Catador” em troca de ingressos para todos os camarotes do evento. Aquilo foi um marco. Através dessa parceria, realizávamos sorteios entre empresários e leitores do jornal, valorizando quem acreditava na gente e fortalecendo ainda mais nossa rede.

Com esse contrato em mãos, ganhamos fôlego e credibilidade. Foi a base que nos permitiu ampliar a circulação do jornal para todo o Território do Sisal, imprimindo e distribuindo 10.000 exemplares — algo impensável até pouco tempo antes.

Foi ali que percebemos, mais uma vez, que a união entre compromisso social e alianças verdadeiras tem o poder de abrir caminhos onde antes só havia muros. E assim seguimos, com o coração cheio de gratidão e o olhar sempre adiante.

Logo no início, a circulação do jornal era restrita a quatro cidades: Queimadas, Santaluz, Cansanção e Nordestina. O formato era tabloide preto e branco, com uma tiragem de 4.000 exemplares gratuitos. Foi um passo ousado, mas necessário.

A implantação do jornal em Queimadas, no entanto, foi terrível. Sempre achei Queimadas um verdadeiro mistério. É curioso perceber como, em quase todo canto da Bahia, encontramos um queimadense. Às vezes, parece mera coincidência, mas na verdade carrega uma dor silenciosa: muita gente saiu sem conseguir realizar seus sonhos por aqui.

E o que mais me impressiona é que boa parte dessas pessoas, mesmo distantes, alimentam uma revolta por não terem conseguido crescer, desenvolver seus projetos e transformar a cidade. Pior: alguns, movidos por essa frustração, se tornam obstáculos para novas ideias, novas tentativas, novas possibilidades.

Existe um discurso recorrente e nocivo de que "quem vem de fora se dá bem em Queimadas", como se fosse impossível alguém daqui prosperar com autonomia. Pura falácia. Uma narrativa criada e sustentada por pessoas que, por mágoa ou vínculo político, atuam como informantes do poder local, manipulando percepções, sabendo exatamente como travar o que foge ao controle deles.

Essa foi a primeira grande barreira que enfrentamos com "O Catador": a resistência da própria terra onde nasceu o jornal, o medo do novo, o controle sobre o pensamento coletivo, o bloqueio velado às iniciativas que não fazem parte do sistema dominante. Mas mesmo diante disso, seguimos.

Porque sabíamos que nosso jornal era mais do que papel — era voz, era memória, era coragem impressa num território que precisava se reconhecer e se respeitar.

Havia ainda outra questão delicada que logo emergiu: a reação dos munícipes das cidades vizinhas. Para muitos, era motivo de estranhamento — e até de revolta — o fato de Queimadas ter um jornal próprio, enquanto cidades como Santaluz, Nordestina, Retirolândia, entre outras, não tinham absolutamente nada.

Recebíamos comentários e até questionamentos diretos. Alguns diziam:

— Como é que pode? Logo Queimadas, com toda essa bagunça política, ter um jornal rodando, e nossa cidade não tem nem boletim comunitário?

E eu entendia essa dor. Era o grito de outras comunidades também esquecidas, sufocadas por gestões acomodadas, que tratavam o acesso à informação como privilégio, e não como direito. Mas ao mesmo tempo, aquilo me dava a certeza de que nós estávamos provocando algo maior.

“O Catador” não era só um jornal queimadense — era uma fagulha num território carente de voz própria. Nossa iniciativa incomodava porque expunha feridas profundas. Enquanto uns comemoravam, outros nos olhavam com desdém ou ressentimento, como se estivéssemos ocupando um lugar que não nos pertencia.

Mas ali estava a contradição: nunca quisemos exclusividade, e sim expandir a consciência de que todos merecem acesso à informação verdadeira, crítica, comunitária. Talvez por isso o jornal tenha ganhado tanta força no Território do Sisal — ele não pertencia só a uma cidade, pertencia à luta coletiva de quem sempre foi silenciado.

Como eu havia trabalhado no CRAS, que na época estava sob o comando de um gestor ligado ao grupo da oposição, passei a ser vista com desconfiança por parte da classe política local. Eles me rotulavam como “jacu” — e aqui vale uma pausa.

O jacu, no imaginário popular nordestino, é uma ave do mato, considerada “tola”, rústica, sem graça. Na linguagem política local, chamar alguém de jacu era reduzir a pessoa a um ser ingênuo, ultrapassado, sem valor diante do “saber” e do “poder” dominantes. Era assim me viam: como alguém que não representava ameaça, alguém fácil de ignorar.

Por isso, as portas comerciais de Queimadas se mantiveram fechadas para o nosso tabloide. “Ninguém” queria atrelar sua marca a um projeto que vinha de “jacus”, principalmente um jornal que ousava questionar estruturas.

Foi então que Marilva, mais uma vez com sua coragem inquieta, decidiu romper as barreiras da cidade e buscar parcerias em outros municípios. Em uma dessas viagens, chegamos a Nordestina. E para nossa surpresa e alegria, a população — especialmente o pessoal da Educação — nos acolheu de braços abertos.

Durante uma visita à cidade, houve um verdadeiro clamor popular ao prefeito da época, pedindo que ele contratasse nossos serviços. E ele atendeu. Foi o primeiro gestor público a reconhecer o valor do nosso trabalho.

Ficamos por três anos prestando serviços de divulgação das ações da Prefeitura de Nordestina, com ética, responsabilidade e compromisso social. E foi justamente esse sucesso fora de casa que despertou a ira de muitos em Queimadas. O incômodo era visível: como pode o jornal ter sede em Queimadas, mas exaltar outra cidade?

A resposta era simples: quem fecha portas não pode reclamar de quem atravessa novos caminhos. E foi isso que fizemos. Não nos dobramos à humilhação ou ao silêncio forçado. Seguimos. Porque sabíamos que nosso papel — impresso ou não — era romper com o ciclo da exclusão, dar voz e visibilidade a quem realmente fazia a diferença.

Pausa necessária.

Antes de continuar, acho importante explicar por que refiro tanto a Marilva nas conquistas comerciais do nosso projeto.

De fato, somos irmãs, e mais que isso: companheiras, unidas e maduras o suficiente para saber exatamente o limite e a força de cada uma. Sempre foi muito claro entre nós os nossos papéis de liderança, e jamais houve disputa — apenas colaboração, admiração mútua e respeito.

Marilva sempre teve um espírito inquieto e empreendedor. Era ela quem se jogava nas ruas, buscava os parceiros, firmava os contratos, ousava no comercial — ela via oportunidades onde ninguém mais enxergava. Ela era o braço ousado, o corpo em movimento.

Eu, por outro lado, sempre fui da palavra. Da escrita, da reflexão, da escuta. Me sentia mais confortável lidando com o conteúdo, com a informação, com a comunicação propriamente dita — apesar de, veja só, ser tímida por natureza.

Sim, sou tímida. E sei que muita gente vai ler isso e achar um absurdo. Afinal, quem me vê falando, apresentando, interagindo com o público, talvez jamais imagine o esforço interno que tudo isso exige de mim. Mas é verdade. Minha timidez nunca foi falta de voz, foi apenas um outro jeito de existir. E mesmo assim, encontrei formas de me comunicar com potência, através da escrita e da escuta atenta.

Essa soma foi a força do jornal “O Catador”.

Não haveria jornal sem o talento de Marilva para mover parcerias. E não haveria conteúdo sem minha dedicação à palavra e à narrativa.

Juntas, criamos algo maior que nós: uma história que precisa — e merece — ser memorizada.

Com a chegada de novos parceiros, como o AJUPM (Assessoria Jurídica dos Policiais Militares), o Hangar e as lojas comerciais centrais das cidades circunvizinhas, o nosso projeto ganhou ainda mais visibilidade. Mas com o reconhecimento, veio também o peso da exposição pública. A abordagem nas ruas passou a ser tremenda.

As pessoas falavam de tudo — algumas com entusiasmo, outras com ironia ou desconfiança. E, muitas vezes, aquilo tudo nos deixava sem rumo, sem direção. Era como se estivéssemos no meio de uma ventania, tentando nos manter firmes com os pés no chão, mesmo quando tudo ao redor parecia duvidar da nossa intenção.

A verdade é que, apesar de tudo, nós éramos apenas duas andorinhas viajantes, carregando sonhos e coragem no peito. Aterrissamos em Queimadas por laços afetivos, por pertencimento, por memória e amor à nossa origem. Jamais imaginamos a dimensão do que estávamos enfrentando.

Não sabíamos que, ao tocar em certas feridas, estaríamos mexendo com estruturas profundas e sensíveis, com ressentimentos antigos, com medos e vaidades. Não estávamos preparadas para as reações, para os boicotes, para os julgamentos.

Mas sabíamos de uma coisa: nossa intenção sempre foi justa. Queríamos construir algo coletivo, dar visibilidade ao que era invisível, transformar papel em voz. E mesmo quando tudo parecia sem direção, a memória — essa bússola afetiva — nos guiava de volta ao propósito.

Após um ano de muita batalha, decidimos ampliar a circulação do jornal “O Catador”. Atingimos novos territórios: Conceição do Coité, Serrinha, Valente, São Domingos, Senhor do Bonfim, Juazeiro, Monte Santo, entre outras cidades. Era um passo ousado, e sabíamos disso. Mas não imaginávamos que o impacto seria tão imediato.

Logo no primeiro mês deste novo formato, veio a bomba: denunciaram “O Catador” ao Sindicato dos Jornalistas. Naquela época, era obrigatório ter o registro profissional para exercer qualquer atividade jornalística formal. E nós não tínhamos esse registro.

Recebemos uma notificação para comparecer a uma reunião em Salvador. Eu e Marilva passamos a noite anterior sem conseguir dormir. Estávamos dominadas pelo medo — e não era medo à toa. Sabíamos da carga política que envolvia o nosso trabalho, e já havíamos ouvido relatos dolorosos sobre pessoas que tentaram fazer comunicação popular e acabaram silenciadas, tragadas por tragédias.

Nossa mãe vivia preocupada com as nossas andanças, com razão. Ela sentia o peso que tudo aquilo representava. Não era só um jornal, era um ato de resistência.

Chegamos a Salvador com uma pasta cheia de provas do que estávamos construindo: edições do “Flexa”, exemplares do jornal “O Catador”, nosso portfólio, registros das ações socioeducativas. Apresentamos tudo com a alma nas mãos. Mostramos que não fazíamos jornalismo tradicional, mas sim comunicação comunitária, popular, voltada à manutenção de um projeto social.

O responsável nos ouviu, folheou os materiais com atenção e entendeu o caráter específico da nossa iniciativa. Viu que não era um veículo comercial travestido de projeto social. Era, de fato, um instrumento de transformação.

Sáimos dali aliviadas. Livres de uma ameaça que poderia ter encerrado tudo. E com isso, continuamos a circular. Mesmo com o incômodo constante de alguns veículos impressos das cidades de Cansanção, Coité e Serrinha, que nunca aceitaram nossa atuação e nos perseguiram de todas as formas possíveis — seja com boicotes, ameaças veladas ou articulações políticas.

Mas não paramos. Porque sabíamos que nosso trabalho incomodava por tocar onde ninguém queria tocar. E é assim que nasce qualquer movimento verdadeiro: onde há desconforto, há mudança em curso.

O segundo e mais marcante momento da nossa trajetória foi à adesão da cidade de Valente ao nosso projeto. Tivemos uma experiência incrível com a gestão local e, ali,

compreendemos na prática o verdadeiro sentido de uma assessoria de imprensa e gestão pública — algo que aprendemos com Mero, uma figura fundamental na nossa jornada profissional. Em toda a região do sisal, não havíamos encontrado alguém com tamanha coragem, ética e firmeza de propósito.

No entanto, apesar desse avanço, enfrentamos uma dura resistência. Valente se tornou palco de uma forte estereotipação política, e trabalhar com a gestão pública local foi, para alguns do outro grupo, considerado imperdoável. Nossos espaços de atuação e voz foram gradualmente fechados em todas as frentes possíveis, especialmente nas entidades públicas e fóruns regionais.

Em determinados ambientes, a atuação se transformava em enfrentamento — como se duas mulheres não pudessem ocupar espaços com legitimidade, sem que fossem imediatamente associadas a interesses escusos ou a discursos polarizados. Nossa proposta era trabalhar com responsabilidade e distribuição justa, mas nos deparamos com barreiras erguidas por disputas individualistas e narrativas muitas vezes perversas.

Durante nossa trajetória chegavam informações de práticas preocupantes, como o uso indevido do nome de pessoas em situação de vulnerabilidade — analfabetas, muitas vezes — para abrir associações sem representatividade real. Vimos também o uso de causas sociais legítimas sendo apropriadas por interesses distantes da dor e da luta das comunidades.

Mesmo diante de tantos enfrentamentos, seguimos acreditando que trabalhar com transparência é, sim, possível — ainda que isso incomode. Seguimos com firmeza, buscando fortalecer territórios e respeitar a dignidade de cada pessoa com quem cruzamos o caminho.

# CAPÍTULO III

## DESAFIOS DA PALAVRA ESCRITA

Sem sombra de dúvida, esse era o nosso ponto fraco. Digo que éramos “caras de pau” — desculpe, é a forma mais sincera de expressar essa verdade. Há treze anos, não tínhamos consciência gramatical. Tínhamos deficiências na escrita, na concordância verbal, mas ousadia? Essa a gente tinha de sobra!

Naquele período, me lembro bem das discussões com Marilva. Por ser minha irmã mais velha — e como nossa educação era hierárquica — eu obedecia fielmente a ela, que me “obrigava” a escrever. No início, escrevíamos sem qualquer orientação profissional. Não

tínhamos dinheiro para contratar um revisor ou professor. Os erros gramaticais eram terríveis e isso me deixava desanimada.

Cfessso que, de certa forma, foi um desafio que conseguimos superar, pouco a pouco, a cada edição. Mas calma, os erros eram corrigidos! Publicávamos as erratas na edição seguinte. E a população não deixava passar nada — recebíamos e-mails, abordagens na rua... a cobrança era constante.

Uma curiosidade: a primeira professora de Língua Portuguesa contratada para corrigir nossas matérias foi terrível — foi drástica, sem nenhum tato,

erros gritantes na escrita, ela corrigia o que não era necessário, transformando certo em errado. E o mais curioso é que, a partir daí, nunca mais recebemos críticas. Ficou a dúvida: será que nossa linguagem havia atingido um nível acadêmico ou era apenas uma forma de proteger o "território" dela?

Outro ponto importante: naquela época, o site de maior repercussão local também publicava textos com erros gritantes. A gente percebia isso claramente, e o mais intrigante é que também não havia críticas direcionadas a eles. Isso nos fez refletir muito e acabou servindo como alerta para melhorar nossa própria conduta editorial.

Mas preciso dizer: os desafios com a escrita foram, sem dúvida, um ponto doloroso. Muitas vezes, sofri boicote por parte de alguns colaboradores. A gente lia, revisava, mandava para uma terceira pessoa revisar de novo. No dia da diagramação, tudo parecia certo. Mas, quando o jornal chegava impresso, estava cheio de erros.

Tivemos muita dificuldade com alguns profissionais. Eu construía o texto, eles revisavam, mas na etapa da diagramação e na gráfica, enfrentávamos sabotagens silenciosas.

The screenshot shows the website 'O Catador' with several articles and an errata section. The main article is 'NORDESTINA, Ba - Cidade Maravilhosa' with a sub-heading 'Histórico'. Other articles include 'Barragem do Rio Itapicuru' and 'Amor Incondicional'. There is also an 'Errata - edição 34' section and a 'Literatura Marginal' section. The website footer includes contact information and the text 'EDIÇÃO ANO III. Nº 35'.

The screenshot shows the website 'O Catador' with an 'Editorial' section and a photo of a woman. The editorial text is partially visible, discussing the challenges of writing and editing. The photo shows a woman with long dark hair, looking upwards. The website footer includes contact information and the text 'EDIÇÃO ANO III. Nº 35'.

Passamos por diversas gráficas e vários diagramadores. Teve edição que, quando chegou, a gente chorou por uma semana — o jornal veio sem nenhuma estrutura de diagramação, com erros ortográficos absurdos. Foram momentos difíceis.

Mesmo assim, tínhamos um compromisso: o jornal precisava ser entregue para a distribuição. Sabíamos que, por conta desses erros, muitos comerciantes e colaboradores não pagariam pelo produto. Perdemos parte do pagamento de publicidade por causa disso. E apesar de todo o esforço, muitas vezes ficamos sem receber.

Percebi os vícios de linguagem presentes no Território do Sisal. O interiorano tem uma forma de se comunicar diferente do soteropolitano, com palavras ditas, por exemplo, como “radia”, “veve”, “plobrema”. Às vezes, enquanto eu entregava o jornal nas ruas, a abordagem das pessoas era justamente sobre essa forma de falar. De fato, em Queimadas e na região, temos um número considerável de pessoas analfabetas e semianalfabetas. O curioso é que essas pessoas eram, muitas vezes, as primeiras a receber a edição — e se identificavam principalmente pelas fotografias.

O nosso público mais cativo sempre foram os idosos. Leitores fiéis, que aguardavam, todo mês, a nossa passagem para pegar o jornal. Eles sempre foram os nossos principais indicadores do caminho editorial do jornal. Alguns, mais ligados à política, tentavam incentivar a mim e à minha irmã a abraçar o seu lado político. Suas histórias e estórias eram, muitas vezes, fantásticas; outras, terríveis — talvez até verdadeiras.

Como a utopia sempre foi nossa fonte de inspiração, nunca demos ouvidos aos que diziam que “a gente não ia ter sucesso” ou que “não ia ganhar dinheiro com isso”. Para muitos deles, o dinheiro era o fator determinante do nosso produto. As perguntas vinham sempre: “Por que vocês entregam jornal de graça?”, “Como vocês ganham dinheiro com isso?”. Mas eles sabiam dos valores por trás do projeto, sabiam dos nossos colaboradores.

Todos os nossos passos eram distribuídos entre as cidades. Às vezes, estávamos em Monte Santo, e quando chegávamos a Cansanção, as pessoas já diziam: “A gente já sabia que vocês estavam chegando.”

No início, o nosso cronômetro editorial era guiado, basicamente, pelas aulas socioeducativas do projeto. A partir das necessidades de referenciamentos que surgiam ali, construíamos nossas pautas. Trabalhávamos com crianças com históricos de vulnerabilidade social, violência, abandono e extrema pobreza.

Depois, esse processo se expandiu e passou a ser dividido também com escutas vindas das ruas, das escolas e, principalmente, do município de Nordestina. Era ali, no cotidiano, que a gente ouvia as vozes que realmente importavam — e elas nos diziam onde e como o jornal precisava estar.



Ola, leitores!

Aqui, em dia de primavera carioca, sempre o mês é dedicado a você, leitor, que tem o que fazer além de trabalhar e pagar contas. Roma, vinda e brava, não se esqueça de ler o conteúdo de cada edição. Não se esqueça de ler o conteúdo de cada edição. Não se esqueça de ler o conteúdo de cada edição.

Segundo Marília Chaves, o Brasil não vive a hora do destino de todos e todos. Todos os dias, todos os dias, todos os dias. Todos os dias, todos os dias, todos os dias. Todos os dias, todos os dias, todos os dias.

uma figura alheia, como o grande dilema de quem se mantém a vida inteira a depender de uma grande figura do passado, a qual, para ser bem sucedida, precisa ser bem sucedida. Para isso, é necessário ter um plano de negócios, uma ideia, uma inovação, um projeto, uma ideia, uma inovação, um projeto.

Um assinante do jornal Aquilino Alencar

www.jornalcatorador.com.br/ redacao social

NADA DE INCÊNDIO NA FÁBRICA! Esta é a verdadeira história do 8 de março

O dia 8 de março é um dia muito importante, mas não é o dia da mulher brasileira e não é o dia da mulher brasileira.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, as mulheres americanas foram chamadas para trabalhar nas fábricas de munições. Elas trabalharam por longas horas, com salários baixos e condições precárias de trabalho. Em 8 de março de 1917, elas fizeram uma greve para exigir melhores condições de trabalho.

EDITORIAL JORNAL O CATADOR

Em Nordeste, encontramos um jornalista que também era pastor. Ele tinha um projeto voltado para os escritores da cidade e mantinha um vínculo político com o gestor. Foi ele quem nos orientou sobre como dividir o editorial, organizar as seções, estruturar o artigo de opinião. Com passar de algum tempo, todo o material que entregávamos a ele, ele fazia questão de publicar em seu blog, se apropriando das informações e dados. Inclusive com a repercussão de Marilva com o MEI, convidou minha irmã para cadastrar os feirantes de Nordeste na Câmara de Vereadores da cidade.

Outra história inacreditável aconteceu lá no início, no município de Nordeste. Nosso contrato era específico com a Secretaria de Educação, e fomos chamadas a atenção pela funcionária municipal responsável por gerenciar a nossa atuação. Ela disse que “as pessoas do município não conseguiam entender a leitura por colunas” e então nos indicou um diagramador da cidade para trabalhar conosco. Aceitamos. Meu Deus. Ele diagramou e encaminhou direto para a gráfica. Quando recebemos o jornal, ele estava “todo corrigido” — cheio de erros ortográficos, com o formato das colunas invertido, sem nenhuma condição de leitura. Foi um desastre. O desespero bateu na nossa porta. Rodar jornal impresso é muito caro e nós não tínhamos condições de refazer.

Tivemos que distribuir o jornal assim mesmo. A gente colocava “seda na cara” para ter coragem de ouvir as críticas, principalmente dos intelectuais, que só viam o jornal quando acontecia algo de ruim. Era risada nos eventos, por parte dos colegas do site de Coité, das páginas do Facebook. Todos nos recebiam com zombaria. Era humilhante a forma como as coisas aconteciam comigo e com minha irmã no início. A gente ainda achava que era coincidência. Como circulávamos por todo o Território do Sisal, sabíamos da agenda e dos acontecimentos das cidades. Estávamos cada vez mais próximos da comunidade de Nordeste, conquistando o seu reconhecimento. Mas logo depois, o chefe de departamento pediu ao prefeito que rompesse conosco. “Era melhor anular o vínculo com elas”, foi o que ouvimos.

O encerramento com Nordeste, na verdade, foi uma retirada intencional articulada pelo poder público. Foi ali que começou a implantação da Mineradora, numa jogada de mestre. Eles entraram, se apropriaram do município e o levaram à destruição e à extrema

pobreza. A partir daquele momento, não atuamos mais nas escolas.

Enquanto isso, surgiam e cresciam os movimentos de resistência contra a exploração de diamantes em Nordestina, como o Movimento pela Soberania Popular na Mineração (MAM) e outras articulações locais que denunciavam os impactos ambientais, sociais e econômicos da Mineradora. As comunidades alertavam que, apesar das promessas de desenvolvimento, a mineração vinha deixando mais desemprego, destruição ambiental e agravamento da pobreza.

Servimos, sem saber, para divulgar a implantação da Mineradora. Durante três meses, fizemos a divulgação do material da empresa canadense, que logo depois começou a limitar nossas abordagens. Em reuniões, questionávamos: “Como seria feita a catalogação das instituições, organizações, associações e sindicatos?”. Mas essas perguntas incomodavam.

Lembro como se fosse hoje: fui convidada a me retirar de uma reunião.

A nossa saída da cidade não foi por acaso. Foi um silenciamento estratégico — “melhor tirar elas do caminho, antes que atrapalhem o projeto”, era o que se ouvia nas entrelinhas.

E, ainda assim, seguimos firmes, com o jornal na mão e a escuta atenta à voz do povo.

A partir desse episódio, entendemos que iríamos manter contrato apenas com os colaboradores, mas não abriríamos mais as outras seções do jornal para o município. Ou seja, seguiríamos exatamente o que estava no contrato, sem expansões.

Naquele período, tínhamos um contrato de R\$ 400,00, e, por isso, dedicamos todas as páginas do jornal exclusivamente a notícias de Nordestina, tentando chamar a atenção do comércio local e atrair mais colaboradores.

Porque é fato: a cada contrato com setores públicos municipais, abria-se a porta de uma cidade e fechavam-se as de outras, além de os comerciantes locais terem vínculos com os gestores pelo processo de licitação, as propagandas vinham por meio de uma panelinha fechadinha. Era difícil lidar com isso — uma estratégia que, ao mesmo tempo em que viabilizava o projeto, nos limitava editorial e territorialmente.

Fomos usadas. As pessoas vinham pedir ajuda para divulgar suas ações no jornal e, depois, criavam mentiras envolvendo o nosso tabloide. Certa vez, um presidente de um sindicato, ligado a um órgão famoso do município de Monte Santo, dizia abertamente que “o jornal era dele”. Isso teve um impacto enorme e nos prejudicou muito, porque ele não era uma pessoa bem vista na cidade, e, por causa disso, as pessoas começaram a impedir a circulação do jornal nas escolas e instituições públicas.



Foi então que tive a ideia de plotar a casa dos nossos pais com o jornal. Colocamos também uma foto nossa na janela da casa, para deixar claro quem estava por trás daquilo tudo.

Essa ação dividiu opiniões na cidade de Queimadas. Algumas pessoas passaram a repetir a falácia de que “a gente queria ser vereadora”, ou que o projeto era “uma forma de autopromoção” ou ainda que “a gente ganhava dinheiro de político”.

Mas não tinha nada disso. O que queríamos era marcar o território — deixar claro que aquilo tinha sido criado por nós, com nossas próprias mãos, nossa escuta e nosso afeto.

Com o passar do tempo, fomos percebendo a força e a importância da escrita impressa. O que antes era apenas um sonho resistente, agora era um meio legítimo de voz e expressão. Passamos a ser procuradas por outros projetos sociais, associações, ONGs, todos querendo divulgar suas ações em nosso jornal.

Era comum vermos essas entidades presentes nas nossas seções fixas, como a “Homenagem” ou o “Você Sabia?”. E isso nos enchia de orgulho. Estávamos conseguindo fazer do papel um espaço de valorização comunitária.

Mas nem tudo eram flores. Certa vez, fomos surpreendidas com uma situação constrangedora. Uma amiga e grande colaboradora nossa tinha uma irmã que, na tentativa de conseguir uma parceria para um projeto, usou nosso jornal como instrumento político.

O problema é que ela usou “O Catador” com um deputado estadual, como se o jornal fosse um projeto vinculado a ela. Até aí, não sabíamos de absolutamente nada. Mas um dia, fomos abordadas de maneira ríspida por um assessor do deputado na Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA), visivelmente indignado, cobrando um suposto acordo que jamais existiu. Ele alegava que não estávamos divulgando as ações do parlamentar no território do Sisal, o que, para ele, era uma quebra de compromisso.

Ficamos sem chão. Além do constrangimento, sentimos uma dor profunda. O nosso nome estava sendo usado sem o nosso conhecimento, sem a nossa autorização, sem verdade.

E o mais revoltante: quantas vezes batemos na porta de gabinetes de deputados pedindo apoio para o nosso projeto com emendas e nunca fomos atendidas? Quantas vezes saímos de lá com promessas vazias, ofícios sem resposta, abraços protocolares?

Enquanto isso, pessoas oportunistas conseguiam apoio apenas por saberem manipular o discurso certo na hora certa. Isso era estranho, doloroso e desestimulador.

Mas mesmo feridas, seguimos. Porque sabíamos que a nossa força estava na transparência do que fazíamos. E nenhuma mentira, por mais bem contada, pode durar mais do que a verdade sustentada pelo tempo e pela integridade.

Uma das memórias mais engraçadas — e que até hoje rende boas risadas — foi a nossa primeira entrevista oficial. Como já disse antes, sou uma pessoa tímida, apesar de muitos não acreditarem quando afirmo isso. E Marilva, com toda sua ousadia e espírito

destemido, sempre me colocava nas maiores enrascadas. Ela dizia: "Vai lá, você fala bem, se vira!" E lá ia eu.

Naquele ano, eu estava grávida do meu filho querido e, como se não bastasse o barrigão e os hormônios à flor da pele, fomos cobrir o Forró do Sfrega 2010, a maior festa junina do estado da Bahia da época, consagrada e disputadíssima. Só de lembrar, já dou risada do nosso atrevimento.

Nosso desafio? Entrevistar as bandas Aviões do Forró, Asa de Águia, Harmonia do Samba e Gustavo Lima. Simples assim! A gente não tinha a menor noção do que era fazer uma entrevista profissional. Não sabíamos nem por onde começar.



**À DIREITA BÁRBARA, XANDY HARMONIA & MARILVA (IN MEMORIAN)**

Chegamos com um portfólio do projeto debaixo do braço, os exemplares do jornal, e toda a história

de Queimadas impressa em palavras. Em vez de perguntas objetivas, entregávamos tudo aquilo aos artistas, como quem diz: “Olha, estamos aqui tentando mudar o mundo com um jornalzinho no sertão!”

Foi engraçado, constrangedor e, ao mesmo tempo, tão genuíno. A comunicação que aconteceu ali não seguiu o roteiro tradicional, mas foi cheia de leveza, acolhimento e troca verdadeira. No fim das contas, cada um daqueles encontros se transformou em uma experiência rica, humana e cheia de significado.

Ali, entendi de forma muito profunda que comunicar é muito mais do que fazer perguntas certas — é estabelecer vínculos, é tocar o outro com a verdade do que se é. E se não sabíamos fazer entrevistas, sabíamos contar histórias. E isso já nos tornava comunicadoras por essência.

E foi do atrevimento à carta escrita de próprio punho que nasceu mais uma conquista marcante na nossa trajetória. Lembro bem. Em 2013, foi realizado um mutirão de cirurgias de catarata em Serrinha, Bahia, com a presença do Ministro da Saúde. O mutirão fazia parte da Política Nacional de Acesso aos Procedimentos Cirúrgicos Eletivos e visava expandir o acesso a essas cirurgias no país. O programa estadual "Saúde em Movimento" também teve um papel importante na iniciativa, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de pessoas com catarata. Durante o evento, que também teve a presença do presidente da ALBA na época, decidi entregar uma carta que escrevi com muito cuidado, contando a história do nosso projeto, do jornal “O Catador” e da nossa luta por comunicação popular no sertão baiano.

O presidente da ALBA leu a carta ali mesmo, marcando um encontro no gabinete com o coordenador editorial, o jornalista Paulo Bina, chefe da assessoria de comunicação (Ascom) da Assembleia Legislativa da Bahia naquela época. E, para nossa surpresa, o jornalista nos recebeu com atenção e respeito. Conversamos com ele e dali saiu nossa primeira autorização oficial para três veiculações de divulgação da ALBA em nosso jornal.

Foi assim que conseguimos nosso primeiro contrato com uma agência de comunicação como empresa formalizada — “O Catador” passava a existir não apenas como resistência e sonho, mas também como empreendimento reconhecido institucionalmente.

E não parou por aí. Também conseguimos uma parceria valiosa com a ALBA: uma coleção de livros que são publicações próprias da Casa. Essa coleção, chamada de "Obras Editadas pela ALBA", inclui livros de diversos temas, incluindo obras inéditas e outras que foram reeditadas pela Assembleia. Os livros chegavam à nossa sede, que também funcionava como uma pequena biblioteca social, aberta à comunidade.

Receber os livros, cheios de histórias de outros baianos, era como receber reconhecimento em forma de papel. Mais do que tudo, era a certeza de que estávamos fazendo algo que valia a pena — mesmo com todas as pedras no caminho.

Com a conquista daquele primeiro apoio financeiro mais significativo — R\$ 1.800,00 x 3 = R\$ 5.400,00 — sentimos que, pela primeira vez, estávamos realmente saindo do sufoco. Investimos na impressão colorida do jornal e, num gesto de coragem e esperança, compramos um terreno para construir a sede do projeto, que até então funcionava na garagem da casa dos nossos pais. Naquele momento, já tínhamos um referenciamento de 130 crianças participando das atividades. Era muita responsabilidade, mas também um sinal claro de que estávamos no caminho certo.

Nossa história parecia até uma versão sertaneja de Chicó, do “Auto da Compadecida”: “tô rico, tô pobre, tô rico de novo”. Era tudo muito intenso, incerto e simbólico da nossa luta no interior da Bahia.

Mas o campo político é um tráfico de influência e informação assustador. O que começou como um gesto de reconhecimento à nossa luta social, logo se revelou mais uma engrenagem da velha política de favores.

Uma ação que nasceu do nosso trabalho com a comunidade — da dor, da escuta e da resistência — acabou se transformando, de forma cruel, em moeda política. O que era fruto de dedicação sincera e compromisso coletivo passou a ser tratado como barganha.

Quando recusamos ceder a uma pressão externa, imposta com a lógica de favores e indicações, fomos sumariamente cortadas da ALBA. Não houve aviso. Não houve explicação formal. Nenhuma consideração. Simplesmente nos desligaram.

Foi um golpe duro. Sentimos na pele o peso de contrariar interesses que não dialogam com o bem comum, e sim com trocas silenciosas que desvalorizam o trabalho verdadeiro. Enfrentamos, ali, a retaliação pura — e, mesmo assim, seguimos com a consciência tranquila de quem escolheu não negociar princípios.

Mas seguimos. Porque nossa missão não era agradar poderosos — era cuidar de crianças, formar cidadãos, resistir.

O desafio da escrita, de fato, foi um marco importante na nossa caminhada. Sem sombra de dúvidas, ao longo do processo, isso serviu como um fortalecimento para que fôssemos em busca de mais conhecimento. Fizemos cursos, criamos literalmente o hábito de ler: notícias, livros, revistas etc.

Os desafios também eram nossos. Afinal, vivemos em um país onde falar sobre educação ainda é visto como algo "chato" ou "coisa de louco". É importante ressaltar o outro lado da moeda: a transformação real de duas mulheres — Marilva, com dislexia, e eu, ex-aluna da escola pública.

Tratamos de temas que, antes, nos diziam que eram proibidos: política, religião e direitos.

Primeiro, o desafio era nosso: consumir cultura, informação e conhecimentos. Depois, com o tempo e com esforço, nos tornamos empoderadas nessa construção do saber.

Nosso objetivo era claro: convencer as pessoas sobre a importância da leitura e o seu poder de transformação. Afinal, nossos dias e rotinas foram moldados com foco nisso — redirecionar a população de Queimadas e região para a leitura, mostrando que ela é uma ferramenta poderosa de mudança.

Em uma palestra, ouvimos uma fala muito importante sobre a diferença entre informação e conhecimento, dizia que a Informação é o dado bruto, aquilo que recebemos diariamente de diversas fontes — notícias, redes sociais, falas soltas — e o conhecimento, por outro lado, é o resultado da reflexão, da compreensão e da conexão dessas informações com a realidade. Ele nasce quando a informação é processada, vivida e aplicada.

A consolidação do desafio da escrita do tabloide “O Catador” resultou da compreensão conceitual entre informação e conhecimento. Tal distinção fundamentou o fortalecimento do nosso exercício contínuo de oralidade e escrita crítica. Enquanto a informação pode ser passageira, o conhecimento transforma. E é essa transformação que vivemos — e que desejamos compartilhar com os outros.

É com alegria que retorno ao nosso contato através das palavras. Como dizia Clarice Lispector:

"Escrever para um jornal é uma grande experiência que agora renovo, e ser jornalista, como fui, e como sou hoje, é uma grande profissão. O contato com outro ser através da

palavra escrita é uma glória." (Clarice Lispector<sup>2</sup> | Jornal do Brasil, 20 de abril de 1968)

Inspirada por essas palavras, sinto que cada reencontro com a escrita é também um reencontro comigo mesma — e com você, leitor(a).

---

<sup>2</sup> Clarice Lispector (1920-1977) foi uma das maiores escritoras da literatura brasileira, nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira. Sua obra é marcada por uma linguagem inovadora, introspectiva e poética, explorando temas como a identidade, a existência, o cotidiano e os sentimentos mais profundos do ser humano. Além de romancista, foi contista, cronista e jornalista. Entre suas obras mais conhecidas estão “A Hora da Estrela”, “Perto do Coração Selvagem” e “Laços de Família”. Clarice é reconhecida por sua originalidade e por ter renovado a prosa brasileira do século XX.

### CAPÍTULO III

#### NARRATIVAS, HISTÓRIA E MEMÓRIA

Como disse no início do livro, a nossa maior narrativa sempre foram os bons amigos. E é impossível seguir adiante sem memorizar uma grande personalidade: o senhor Joel Amâncio (in memoriam).

Todos os nossos passos eram guiados por ele. Era o nosso guru no jornal. Lá da sacada de sua casa, localizada na Praça da Bandeira, ele guardava um verdadeiro tesouro histórico de memórias, desde a passagem de Lampião por Queimadas até histórias sobre o seu próprio nascimento e renascimento. Contava que, ao nascer, chegou a parar de respirar, foi colocado no caixão — e minutos depois voltou à vida.



JOEL AMÂNCIO (IN MEMORIAM)

Joel era uma figura essencial para o jornal. Em uma cidade onde quase não existiam documentos ou registros, ele servia como um arquivo vivo. Sempre que precisávamos recuperar alguma informação — seja sobre eventos, personagens ou as atuações do projeto com as crianças — era a ele que recorriamos.

Em 2014, ele nos deixou. Com sua partida, perdemos uma figura de avô dos bons, daqueles que acolhem com sabedoria e carinho, um amigo impecável, sempre disposto a ouvir, aconselhar e compartilhar suas histórias.

A ausência de Joel Amâncio foi sentida como se perdêssemos uma parte da alma do jornal. Ainda assim, sua presença permaneceu entre nós — nas lembranças, nas palavras que registramos e no legado que ajudou a construir.

Outra pessoa muito importante no início do projeto foi com o proprietário da sonorização do município de Queimadas. Por uma dessas coincidências da vida, nos conhecemos — e muitos diziam até que éramos parentes. Mas mais tarde, descobrimos que não tínhamos nenhuma ligação sanguínea. O que nos unia, na verdade, eram sonhos que se cruzavam.

O empresário era produtor de eventos e dono de uma empresa de sonorização. Antes mesmo de iniciarmos com o jornal, já tínhamos uma parceria informal nos eventos que ele promovia. Não havia vínculo financeiro, mas colaborávamos com a estruturação dos eventos, especialmente na parte burocrática, como a oficialização de documentos.

Destaco aqui o papel fundamental de Marilva, que na época trabalhava no AJUPM. Ela o ajudava com toda a estrutura de segurança, sempre com dedicação e responsabilidade. Essa união de forças, mesmo sem contrato ou obrigação formal, foi essencial para dar forma aos nossos primeiros passos — e aos nossos primeiros sonhos.

O produtor nos ajudava nos eventos do projeto com o carro de som, equipamentos de sonorização e também com a divulgação nas ruas. Ele foi um dos pioneiros da comunicação comunitária em Queimadas, proprietário de uma rádio de poste.

Além disso, Marilva contribuía diretamente com os projetos ligados à ação “Propaganda é a alma do negócio”, principalmente na distribuição de materiais e no fortalecimento do MEI (Microempreendedor Individual). Até 2013, éramos parceiros fortes, movidos por sonhos comuns e muita vontade de fazer a diferença.

No entanto, os rumos da cidade — marcada por fofocas e mentiras — acabaram prejudicando a relação que tínhamos. Eu e Marilva, por sermos vistas como mulheres independentes, vindas da capital, frequentávamos espaços tradicionalmente masculinos. Isso gerava incômodo em muitos. Lembro que espalharam boatos de que Marilva estaria tendo um romance com o empresário (era casado, tinha filhos), e diante da intensidade dessas fofocas, achamos mais conveniente encerrar a parceria.

Numa cidade provinciana, esse tipo de conversa rendia mais que as informações do próprio jornal. Era como se a verdade tivesse menos valor do que o burburinho. Por isso, decidimos seguir sem ele.

É importante ressaltar que o empresário nunca teve participação na criação ou no desenvolvimento do jornal. Ele foi um colaborador, sim, cedendo equipamentos. Em troca, oferecíamos espaço no jornal para a divulgação dos serviços da sua empresa.

Talvez você se pergunte por que trago essa memória para este livro. Durante muito tempo, sofremos retaliações em Queimadas e em cidades circunvizinhas. Muitas pessoas achavam que havíamos “abandonado” e alguns até diziam que ele era o verdadeiro dono do jornal “O Catador” — o que é uma inverdade.

A ideia do jornal nasceu de Marilva, impulsionada pela minha atuação no projeto com as crianças. O empresário foi o primeiro colaborador dessa história, mas com sua estrutura de som apenas. A participação de Marilva na rádio poste do empresário não tinha vínculo com o jornal, mas com a ação “Propaganda é a alma do negócio”.

Assim, encerramos também a parceria e seguimos com novos colaboradores. Foi um ciclo que se fechou com aprendizado, amadurecimento e a certeza de que, apesar das dificuldades, mantivemos a integridade do projeto e dos nossos princípios.



ALINE SILVA DESENVOLVENDO A OFICINA DE RECICLAGEM COM AS CRIANÇAS

Agora, trago neste registro uma pessoa muito especial na minha vida: Aline Silva. Nos conhecemos no CRAS e nossa amizade nasceu dos meus conflitos internos diante da realidade da pacata cidade de Queimadas, em contraste com o meu trabalho.

Minha trajetória sempre foi marcada por desafios de estruturação. Costumo dizer que chego aos lugares para implantar o que ainda está por ser criado. Em Queimadas e região, naquela época, quase não havia profissionais voltados à formação psicossocial. Para se ter uma ideia, havia apenas uma assistente social atuando entre Serrinha a Nordestina — e ela era de Serrinha.

Eu fui contratada para substituir a psicóloga do CRAS, embora minha formação não fosse em Psicologia. Sou especialista em Psicopedagogia Escolar e Clínica, com experiência prática. Havia atuado por dois anos no CRAS da cidade de Candeias e foi essa bagagem que me conduziu até Queimadas.

Foi nesse contexto desafiador que Aline surgiu como uma aliada, uma amiga e um porto seguro. Ela compreendeu minhas inquietações e me ajudou a encontrar sentido no trabalho, mesmo diante da escassez de recursos e da resistência cultural. Nossa amizade foi se fortalecendo não apenas pelo ambiente profissional, mas pela identificação de sonhos e valores compartilhados.

Aline Silva foi uma das primeiras pessoas que me ajudou a compreender Queimadas além das aparências. Ela tinha um olhar sensível para a cidade e, ao mesmo tempo, uma escuta ativa para as minhas inquietações. Enquanto eu tentava entender os códigos sociais, as resistências e os silêncios que pairavam em torno do nosso trabalho, Aline me acolhia com firmeza e ternura.

Não era apenas uma amizade — era uma parceria de vida, um elo que se formou na dor e floresceu na construção coletiva. Em muitas situações, ela foi o meu equilíbrio. Quando me sentia cansada pelas dificuldades institucionais, pela falta de equipe ou pelas críticas injustas, era com Aline que eu dividia essas angústias. Ela me lembrava do propósito maior do que estávamos fazendo ali: transformar realidades, mesmo que em pequenos gestos.

Aline também foi uma inspiração silenciosa para o jornal “O Catador”. Embora não estivesse diretamente envolvida na produção, sua maneira de enxergar o outro com empatia e profundidade influenciou muito do que defendíamos no jornal: a escuta sensível, o cuidado com a palavra e o compromisso com o bem comum.

Ela sabia da importância de registrar o cotidiano das pessoas invisibilizadas, da força de dar voz às crianças, aos idosos, às mulheres. Em nossas conversas, muitas ideias nasciam — e mesmo que nem todas fossem para o papel, transformavam-se em ações que atravessavam o território.

Com o tempo, Aline se tornou minha referência afetiva e profissional na cidade. Foi ela quem me ajudou a firmar os pés, quando eu pensava em desistir. A sua maneira de lidar com as pessoas, o seu jeito de dizer verdades e a sua coragem silenciosa marcaram profundamente minha jornada.

Hoje, ao escrever esta memória, percebo que Aline foi uma das raízes invisíveis do que construir em Queimadas. E é por isso que ela merece esse espaço neste livro: porque toda história de transformação tem, nos bastidores, almas que sustentam, silenciam dores e apontam caminhos.

Aline iniciou como colaboradora do projeto social, sempre presente, sempre dedicada. Quando formalizamos a empresa “Jornal O Catador”, em 2010, tomamos uma decisão que, à época, foi tão ousada quanto necessária: registramos Aline como nossa funcionária, com carteira assinada.

Foi um marco. Abrimos, em Queimadas, a primeira empresa de agenciamento e divulgação do Território do Sisal. Fomos pioneiras. E acredite, esse pioneirismo não passou despercebido. Fomos duramente atacadas, inclusive por vereadores da cidade, simplesmente por termos garantido a Aline um direito básico: a formalização pela CLT.

Naquele período, as possibilidades de futuro para a maioria da população de Queimadas se limitavam ao concurso público ou à aposentadoria rural. Como muitos diziam: “aqui ninguém tem carteira assinada”.

De certa forma, esse ato de resistência também foi um gesto de justiça e reconhecimento. Mesmo sem termos os recursos que gostaríamos, mesmo enfrentando limitações financeiras, sabíamos que Aline merecia muito mais. Ela representava não só uma profissional competente, mas o símbolo da possibilidade de um novo tempo para Queimadas.

Marilva costumava dizer: “Quando tivermos uma condição financeira melhor, Aline será a primeira a ser beneficiada”. Era um compromisso nosso, um desejo genuíno de retribuir toda a dedicação que ela entregava diariamente.

Ver o nome de Aline registrado em nossa história é ver um sonho cumprido. Mesmo que de forma simbólica, sua formalização foi um passo histórico, um ato de coragem que reverbera até hoje como sinal de que é possível construir caminhos diferentes, mais justos e mais humanos — mesmo nas cidades onde ninguém acredita que isso possa acontecer.

Eu carrego este sentimento. Aline Silva seguiu seu destino: voltou para Salvador.

Queimadense que amava sua cidade, mas seus sonhos eram além do propósito proposto por mim e Marilva. Ela ficava indignada com tudo o que acontecia e falava que era para desistirmos. Dizia que nem as crianças iriam valorizar os esforços e entender o objetivo daquilo tudo. No final, essas lembranças são doloridas. Talvez Aline tivesse razão.

Eu carrego esta história. A nossa história inicia em Queimadas, percorre o território e vai além das fronteiras do Sisal. Conseguimos alcançar duas cidades importantes: Senhor do Bonfim e Juazeiro. Tivemos um período de reconhecimento pelas cidades. Por onde passávamos, éramos reconhecidas como “as meninas do jornal”. O Forró do Sfrega abriu portas por esta travessia. Tirávamos fotos e repostávamos na época no Facebook, embora tivéssemos resistência em ir para o digital. O nosso trabalho era olho no olho, acreditávamos que boca com boca se fala. O nosso produto era do sertão, onde moradores dividiam banheiros coletivos nos povoados de Nordestina e Queimadas. Uma realidade mascarada pelo governo.



OFICINA DE RECICLAGEM COM O JORNAL



O projeto acontecia de forma distribuída, era dividido: eu desenvolvia as palestras e aulas diretas, trazendo temas transversais. Marilva dava o curso de modelo e manequim. As oficinas de reciclagem com o jornal eram feitas por nós três — Marilva, Aline e eu — além das participações das voluntárias das associações. Os chás literários aconteciam na sede e nas cidades, realizados com o apoio do comércio local.

O chá literário de maior repercussão aconteceu em Coité, com o apoio da CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas), Guina (Comercial Santa Bárbara) e Diego Sacramento (PSC Contábil), o presidente e o vice da época. Reunimos os escritores da cidade, e o engraçado é que reunimos os grupos político vermelho e azul sem termos noção disso. Além disso, reunimos os projetos sociais da cidade para uma apresentação cultural: Batuque Social, Orquestra Santo Antônio e Xande Revolution.

Conseguimos um número grandioso de comerciantes parceiros do jornal, Marilva

criou um pacote promocional CDL: ela prestava serviço com uma equipe de mulheres formada por ela, para pesquisa dos melhores do ano, e vendia o pacote para os vencedores, na proporção em que fazíamos a veiculação do evento no Território do Sisal.

Os desafios foram numerosos. Os vizinhos se sentiam incomodados com a presença das crianças, oriundas do bairro da Liberdade. Os líderes e representantes de outros projetos também se incomodavam, porque tínhamos um número considerável de crianças sustentadas pelos 3% da arrecadação das propagandas e das doações de parceiros e colaboradores. Por exemplo, na festa do Dia das Crianças, fazíamos um evento com pula-pula, brinquedos, atividades culturais e artísticas, tudo de graça para os participantes e familiares do projeto, enquanto os projetos que recebiam emendas de deputados não promoviam atividades semanais e, quando realizavam ações comemorativas, saíam pedindo no comércio da cidade ou aos responsáveis pelos seus participantes.

Tudo isso começou a despertar na população queimadense questionamentos sobre como conseguíamos, com tão pouco, ofertar tanto. Sofríamos ameaças rotineiras. Inclusive, fomos denunciadas para a juíza da Vara da Infância, pois tínhamos uma página no jornal que publicava as ações do projeto, de certa forma, para prestar contas aos colaboradores e divulgar o jornal. Fomos chamadas ao Fórum e orientadas a parar de publicar as imagens das crianças no jornal. Com isso, tivemos que retirar as ações do projeto das publicações do jornal.

Eu e minha irmã éramos separadas na ciência política, tínhamos ideologias opostas. Na minha juventude, participei de grêmios estudantis, movimentos e paralisações. Estudava no Colégio Estadual Senhor do Bonfim, onde aprendi muito sobre alienação política por meio das discussões e da vivência escolar. Já Marilva sempre foi da elite, estudou no Colégio Apoio e frequentava a elite burguesa de Salvador. A minha realidade foi diferente da dela, e nesse ponto sempre fomos diferentes.

Mas chegando ao Sisal, as coisas tomaram outro rumo. Não sabíamos da politicagem local, tão difícil para o desenvolvimento do sertão. O nosso mundo era diferente de tudo o que foi necessário aprender. A separação das ações diárias dos sujeitos distinguia sua ideologia política, suas amizades, sua família. Sempre falo que, quando o Brasil conheceu de fato a polarização política vista com Bolsonaro e Lula, o sisaleiro já entendia e vivia sob pressão para viver e conviver como forma naturalizada e de sobrevivência.

A formação dos grupos em cada cidade, o tráfico de influência dessas pessoas na vida social local, a distribuição dos empregos e as indicações para cargos políticos em Salvador, principalmente na ALBA, tudo isso se tornou claro para nós. Certa vez, eu e Marilva passamos uma semana visitando gabinetes e entregando o portfólio do projeto. Ali vimos o quanto a população de Salvador é analfabeta politicamente. A nossa representatividade nesses espaços políticos se limitava em pequenos números aos setores de apoio. Os candidatos a

deputados nascidos em Salvador eram apenas três, ficando restritos aos vereadores.

Todo esse movimento foi mudando a nossa ideologia política. O descrédito em nós duas foi fortalecido porque participávamos de debates, conferências e rodas de conversa. A coletividade vista era, na verdade, em torno de um individualismo de dualidade filosófica, que centralizava as verdades sociais focadas em máscaras distribuídas por membros e líderes. Encenavam uma disputa política, mas nos bastidores dividiam e acordavam as decisões que favoreciam seus grupos e contextos políticos.

Trago um período muito difícil durante nossa caminhada, em um momento de crise climática no Território do Sisal, uma forte estiagem nos anos de 2012 e 2013. Passamos por uma crise generalizada entre os colaboradores, com o enfraquecimento do comércio de Coité, que era o maior parceiro do jornal. Esse período marcou o início da entrada da esquerda no território. Então, recebemos o convite do candidato de esquerda da cidade de Queimadas e, pela primeira vez, as famílias referenciadas pelo projeto nos incentivavam a abraçar o novo. Assim, pela primeira vez, participamos das discussões exclusivas ao partidarismo do “novo grupo em Queimadas” e “vestimos a camisa”, fazendo toda a propaganda política na zona rural.

A população dizia que o candidato opositor estava na frente das eleições e, de fato, o eleito foi o candidato da oposição. Mas onde tudo parecia perdido, na verdade se abriu uma porta para o melhor momento financeiro da empresa. O candidato eleito, Tarcísio, prefeito na época, trouxe um espaço aberto para uma democratização jamais vista em Queimadas. Os pregões passaram a fazer parte da realidade local e as empresas da cidade de vários ramos participaram de um curso promovido sobre licitação e editais. A partir daí, conseguimos participar dos pregões e vencer. Depois desse período difícil da seca, alcançamos uma estabilidade financeira na empresa jamais vista: conseguimos pagar os débitos do projeto nos mercados, na gráfica e modificar o projeto, que passou a ser realizado nas escolas, associações e sindicatos.

De fato, neste período, Queimada passa a compreender o nosso exercício de veiculação de propaganda em articulação com as ideologias partidárias da população. Conseguimos participar dos espaços de discussão dos dois lados. No entanto, o candidato de esquerda do município de Queimadas não aceitou a nossa atuação durante os quatro anos de veiculação de publicidade da gestão de Tarcísio, o que resultou em um fechamento por parte da esquerda, e na divulgação de falsas propagandas sobre nós no Território do Sisal.

Depois desta conquista em Queimadas, houve um ponto positivo: em todas as discussões locais políticas sempre existia um convite para "O Catador". Isso foi importante na nossa construção política de decisões do jornal e no destaque do jornal “O Catador”, que ampliou sua influência política e se manteve independente, acolhendo debates. Na transição

do jornal para o campo da publicidade política, fizemos campanhas importantes para os cargos: Vereador (município de Queimadas), deputado estadual (Salvador) e deputado federal (Juazeiro\Salvador). Com isso, houve uma construção editorial mais livre e participativa – com “debates livres”. A empresa passou a oferecer serviços publicitários políticos e teve papel estratégico na veiculação dessas campanhas. O fechamento dos contratos marca um ponto de conclusão de um ciclo importante, o último dos anos de circulação do jornal “O Catador”, devido à perda de Marilva e à reorganização subsequente.

# CAPÍTULO IV

## O PAPEL DAS MULHERES CATADORAS: BÁRBARA & MARILVA



Editorial

Ola, mulheres!

A luta é diária e permanente constante, marca o mês e dedicado a você, mulher, que luta e que nunca deixa de acreditar na própria força. Roxo, verde e branco são as cores do Dia Internacional das Mulheres, roxo significa justiça e dignidade. Verde simboliza esperança, branco representa pureza, embora seja um conceito controverso. As cores se originaram da União Social e Política das Mulheres (WSPU, na sigla em inglês) no Reino Unido em 1908.

Segundo Marilva Chant, o feminismo nos leva a luta por direitos de todas e todos. Todas porque quem leva essa luta também são as mulheres. Todas porque luta por certa ideia de humanidade (que não é um humanismo, pois o humanismo também pode ser um operador ideológico que privilegia o homem em detrimento das mulheres, dos outros gêneros e até mesmo das outras espécies) e, por isso mesmo, considera que aquelas pessoas definidas como homens também devem ser incluídas em um processo democrático, coisa que o mundo machista – que confunde ser homem com privilégio, mas o abondona a uma profunda miséria espiritual – nunca pretendeu realmente levar à concretização. Nessa perspectiva, entende-se que o homem é

uma figura idolatrada, como o grande deus-dono, enquanto a mulher é vista como a incapacitada para grandes feitos de ordem intelectual, a qual deve ser devota aos seus voltados no lar, família e filhos. Portanto, essa ideia, inconsciente, nos ponzos vai se transformando graças às ações dos movimentos sociais, feministas e do núcleo das mulheres e de alguns homens que abraçam a causa da mulher. Assim, vê-se a oportunidade de fala para aquelas que, por si só, estavam em papel de desigualdade e infelizmente. Juntas. Seja uma mulher que levanta outras mulheres! As meninas do jornal! Aquela Abração!

www.jornalcatador.com.br/ rede sociais @ @ @ @jornalcatador

### NADA DE INCÊNDIO NA FÁBRICA! Esta é a verdadeira história do 8 de março

O Dia da Mulher é uma data política, que vem da luta de mulheres operárias e não da morte passiva

por Luis Medelli  
Há séculos, alimenta-se a ideia de que o 8 de março, Dia Internacional da Mulher, tenha surgido por causa da morte de 130 operárias catadoras em um incêndio em uma fábrica têxtil de Nova York em 1911. Inteligentes feministas, contudo, afirmam que essa versão trágica do surgimento da data, em que mulheres morreram de forma passiva enquanto trabalhavam, ajuda a invisibilizar a luta e mobilização das mulheres operárias do final do século 19, que se organizaram contra greves e pênalti por melhores condições de trabalho. A principal teórica no Brasil a trabalhar o tema do 8 de março é a socióloga Eva Blay, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP e coordenadora do USP Mulheres. Blay explica que a criação da data foi muito mais "por fortes movimentos de reivindicação política, trabalhista, greves, passeatas e muita perseguição policial", e não somente pela morte de dezenas de mulheres explodidas pelo capital. Segundo ela, devotado ao 8 de março, hoje considerado um dia festivo e capitalista – em que parties e empresas insistem em "pre-senar" funcionários com maquiagem, flores e sorvete em salões de beleza – a luta de operárias por melhores condições de trabalho, é uma maneira de angariar o protagonismo das mulheres em sua própria história social e política.

balladões eram trancados nas fábricas e os rádios eram cobertos, para não terem acesso de quanto tempo haviam trabalhado. As pessimas condições, com vários ratões de fezes espalhados pelo chão do lugar, ajudaram o fogo a se espalhar rapidamente, matando 125 mulheres, de 17 a 20 anos, e mais 21 homens, enquanto trabalhavam. O episódio ocorreu no complexo nacional e, no dia do funeral, 100 mil pessoas compareceram ao local. O termo em que ficou famosa a Triangle Shirtwaist Company hoje é a Universidade de Nova York. Uma outra versão do que o incêndio aconteceu no século 18 e o fogo teria sido propiciado. O objetivo era de manter trabalhadoras felizes que podiam diminuir a carga horária, que naquela época era de até 14 horas diárias, de segunda-feira a sábado, chegando a incluir alguns domingos de manhã. Era comum também os filhos das operárias, ainda crianças, comporem os quadros de empregados das indústrias, pois o trabalho infantil não era proibido e creches não eram um direito das mães trabalhadoras. "Em 8 de março de 1857, em Nova York, as operárias têxteis entraram em greve pedindo a redução da jornada de trabalho de 16 para 10 horas por dia e recebendo mesmo que um terço do salário dos homens. Parte das grevistas foi trancada no prédio e a fábrica foi incendiada: 130 vidas foram substituídas", explica a cientista política Lucia Avelar, professora da Universidade de Brasília.

A versão mais aceita é que, segundo Eva Blay, em 1910, a militante Clara Zetkin organizou a criação de um Dia Internacional da Mulher, sem definir uma data precisa, no II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, em Copenhague. Para Blay, nenhuma das versões de incêndio foram usadas por Zetkin como motivação, uma vez que, mesmo na versão mais conhecida do incêndio, teria acontecido um ano após a militante propor a data como uma data de luta. A alemã Clara Zetkin era membro do Partido Comunista Alemão e militante operária das massas das trabalhadoras mulheres. Em 1901, criou a revista Igualdade, que circulou por 16 anos e era dirigida por mulheres e voltada às trabalhadoras, e em 1920 chegou a ser deputada no Parlamento alemão, defendendo a participação das mulheres na política e no trabalho. Lutas

contra o nazismo, mas, com o acerto de Hitler em 1933, teve que exilar-se em diversos países, escolhendo morrer, por fim, na URSS. Morreu naquele mesmo ano, em Moscou. A proposta de um Dia Internacional da Mulher por Zetkin estabeleceu que a data seria usada de mobilização de mulheres trabalhadoras em todo o mundo, que abordariam tanto a pauta da questão das mulheres no trabalho, como lutas em prol do sufrágio, o direito ao voto feminino. Diversas manifestações de trabalhadoras na Europa se seguiram desde a proposta da criação do Dia Internacional da Mulher. Segundo Blay, a manifestação mais famosa aconteceu em 8 de março de 1917, quando operárias russas do setor de tecelagem entraram em greve e pediram apoio aos metalúrgicos. Essa greve de mulheres teria sido reconhecida por Trotsky como o primeiro momento da Revolução de Outubro, que resultou na Revolução Russa de 1917. Em 1975, a ONU oficializou o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher por meio de um decreto. A EXPLORAÇÃO DAS MULHERES E A FORMAÇÃO DO CAPITALISMO Segundo especialistas, a divisão sexual do trabalho, desde sempre, teve uma função social que ultrapassou os fatores econômicos e trabalhistas: garantir a dominação dos homens na sociedade. Para a cientista política Flávia Binelli, professora da Universidade de Brasília, a importância de se associar o 8 de março às lutas de trabalhadoras contra as piores e de reconhecer que o capitalismo industrial foi estruturado sobre a subordinação das mulheres. "A desvalorização do trabalho das mulheres e o controle sobre elas tanto no âmbito familiar quando no público, isto é, na política e no trabalho, são elementos organizadores do capitalismo industrial e permeiam o desenvolvimento para se explicar as condições entre gênero, trabalho e desigualdade hoje", afirma Binelli. O TRABALHO E A MULHER A socióloga Rita explica que desde a sua origem, o movimento feminista foi organizado sobre três eixos sociais: o eixo da classe relacionado à situação de exploração da mulher no mercado de trabalho. "O movimento feminista sempre esteve for-

tamente envolvido com o tema da igualdade de gêneros e igualdade aos direitos políticos (direito ao voto), direitos civis (ao divórcio) e direitos sociais (igualdade no mercado de trabalho, como direito à equidade salarial)", aponta Rita. A socióloga afirma que, apesar de intelectuais, acadêmicas e até brigantes latentes no início do século 20. "Mas que não, no tema da mulher e o trabalho e tão antigo que aparece um século antes das lutas que resultaram no 8 de março. "A divisão sexual do trabalho pode ser encontrada como problema nas precariedades no século 18, como Mary Wollstonecraft. Mas é entre as intelectuais socialistas como Clara Zetkin e, mais tarde, Alexandra Kollontai, que essa crítica passou a atingir as relações de classe", explica Binelli. Mary Wollstonecraft foi uma escritora inglesa nascida em 1759. Ela é considerada a fundadora do feminismo no mundo por causa da sua obra "Krivicalização dos direitos das mulheres", publicada em 1792. A cientista política Avelar ressalta, contudo, que as feministas operárias e trabalhadoras sofreram grandes injustiças por não serem consideradas intelectuais ou por não pertencerem a classes sociais privilegiadas. "O sufrágio foi uma pauta unificadora desses movimentos, mas os temas relacionados às condições de trabalho e de proteção social e sem prioridade das mulheres trabalhadoras e mobilizadas". Para Avelar, a mulher da periferia, assim como a trabalhadora das cidades mais pobres e marginalizadas, ainda são as mais silenciadas e as menos favorecidas. "As mulheres de classe social, de raça e etnia, separam as mulheres em suas condições objetivas de vida", explica. "Exata e correta de que os movimentos feministas e as organizações sindicais caminharam juntos, o que é totalmente verdade. Mas se não fosse a adesão de mulheres de classe média, secundárias e universitárias às causas das mulheres de periferia, questões como creches, custo de vida, saúde reprodutiva, jamais ganhariam força e visibilidade.

EXPEDIENTE **O Catador** www.jornalcatador.com.br | 75 99707.4949  
O Catador, Jornal Alternativo - CNPJ 12.115.114/0001-66. Publicação do Projeto A Importância do Ato de Ler, Cuidando do Meio Ambiente!  
Editoria: Bárbara Vitória Brandão Circulação: Região do Sisal, Juazeiro, Senhor do Bonfim e Salvador(ALBA)  
Publicidade: Marilva Wezza Brandão Tiragem: 5.000 exemplares, Distribuição Gratuita

O jornal não se responsabiliza por conceitos emitidos de materiais e propagandas assinadas, sendo de total responsabilidade de seu titular. Não jogue este jornal em via pública, descarte-o adequadamente.

A identificação da figura da mulher, dedico exclusivamente a Marilva. Se ela ainda estivesse entre nós, tenho certeza de que seria essa a ênfase central na construção de sua tese. Ela passou os últimos cinco anos de sua vida dedicada à pesquisa sobre o feminismo e o papel do poder. Marilva sempre me dizia: "Irmã, é isso: sofremos muita retaliação nesses espaços por termos corpos femininos".

Além disso, Marilva vivenciou conflitos marcantes em sua história, enfrentando agressões e violência. Sua trajetória foi marcada pela cobiça de muitos, porque Marilva era uma mulher linda e forte. Na adolescência, ela passou por dois episódios conflitantes ao sair da escola: uma tentativa de sequestro e de abuso sexual. Por sorte, um homem conseguiu impedir que o episódio se tornasse trágico. Mas minha irmã foi vítima de assédios em diversos ambientes de trabalho, inclusive ao longo da nossa caminhada com o jornal "O Catador", em que os convites em troca de contratos eram frequentes e opressores.

Voltando à sua juventude, Marilva foi descoberta por um agente de modelos na praça do Campo Grande, em Salvador, quando saía da escola. Ela se tornou modelo profissional, viajou para desfilar com artistas e participou de programas como os de Mara Maravilha e Angélica. No entanto, não seguiu carreira profissional como modelo, e quando recebeu o convite da Playboy Internacional, nosso pai não permitiu. Na época, mulheres que seguiam esse tipo de trabalho eram injustamente vistas como "putas", algo que refletia o preconceito da sociedade. Fazia parte da construção identitária de Marilva pesquisar e lutar por temas como

corpo, alma e poder feminino. Sua história e sua pesquisa continuam sendo inspiração e força em minha própria trajetória.

A partir desse desenho, (que envolveu encontros formativos, rodas de conversa e uma curadoria coletiva de referências teóricas e literárias com foco na vivência feminina,) iniciamos leituras de Clarice Lispector e começamos a compreender o que significa ser uma mulher esclarecida, eterna referência feminista e existencial. Naquele período, reformulamos o editorial e nos afastamos da linha estritamente educacional, que até então dominava nossa produção. Passamos a abordar temas como violência contra a mulher e sexismo, migrando para uma equipe formada somente por mulheres, desde a produção e distribuição do jornal até os eventos que promovíamos.

A leitura de Clarice nos mostrou o poder de uma escrita que questiona o patriarcado, reforçando a ideia de uma mulher que se redescobre em espaços limitados, rompe paradigmas e constrói liberdade interior. Ampliamos o escopo editorial, incluindo pautas relevantes: violência contra a mulher, sexismo, direitos femininos. Essa nova fase fortaleceu nossa identidade política e editorial, dando voz, visibilidade e suporte à luta por igualdade e justiça.

Em 2016, na cidade de Queimadas, organizamos e promovemos um evento exclusivo para homenagear mulheres empoderadas da cidade. Naquele mesmo ano, lançamos o prêmio “Best O Catador 2016”, um troféu imprensa que reconheceu os melhores do ano, com o tema “O poder da comunicação e o empoderamento feminino”.

O evento reuniu toda a classe comerciante, lideranças políticas da situação e da oposição, além da imprensa local. Realizamos um levantamento do processo histórico de conquistas das mulheres em Queimadas: desde a primeira professora e a primeira funcionária pública municipal até a radialista pioneira, o primeiro jornal escrito por mulheres, cantoras locais, entre outras. Fizemos uma pesquisa de campo valiosa com mulheres queimadenses, procurando captar em detalhes a representatividade da figura da mulher da cidade.

Embora eu e Marilva não tenhamos nascido em Queimadas, nossa ligação com a cidade é profunda e emocional, pois foi através de nossa avó, Vitória Gomes, que aprendemos a amar a cidade de Santo Antônio — nossa inspiração familiar e regional.

Em meio às ações políticas no Território do Sisal, enfrentamos constantemente um ambiente de desvalorização e assédio simbólico. Sempre que chegávamos, éramos recebidas com risadas, piadas de duplo sentido, cantadas e aquela pergunta desdenhosa: “O que vocês insistem com esse jornal? Ninguém gosta de ler.”

Houve um episódio marcante: o representante do jornal de Coité promovia a publicação de fotos de mulheres de biquíni para chamar atenção — reduzindo a figura feminina a objeto sexual e reforçando a ideia de que a presença da mulher na imprensa só seria aceita se servisse a esse propósito. Ele justificava que nosso jornal não tinha visibilidade,

porque nosso editorial não mostrava o que a população “quer ver”.

Em nossa trajetória pelo Território do Sisal, vivemos momentos de machismo explícito e desnudez da ignorância alheia. Em várias ocasiões, insinuavam que eu e minha irmã éramos lésbicas, diziam coisas como:

- Antes de conhecer vocês, eu achava que eram casal.
- Vocês parecem mulher macho.
- Nunca vi mulher fazer o que vocês fazem.

Esse espanto não vinha apenas dos homens, mas também de algumas mulheres, que não sabiam lidar com nossas escolhas e com a presença fora dos padrões de gênero que impúnhamos no jornal.

## CAPÍTULO V

### UNEB, O AGENTE DE MUDANÇA

Em 2019, finalmente cheguei à universidade com minha irmã — um marco histórico nas nossas vidas. Ingressar no vestibular, após anos longe dos estudos, foi a realização de um sonho. Agora tínhamos um feito concreto: íamos iniciar o percurso acadêmico, mesmo que ainda sem teoria sólida, mas com a prática que tanto valorizávamos.

Embora nosso curso não estivesse conectado diretamente ao nosso produto comunicacional, sabíamos que ele nos ajudaria a compreender nossa própria história. E, de fato, esse retorno aos estudos trouxe muitos benefícios:

- Expansão de conhecimento e habilidades: a universidade nos proporcionou acesso a teorias, ferramentas e metodologias que precisávamos para aprofundar o nosso trabalho de imprensa.

- Confiança renovada e realização pessoal: retomar os estudos depois de uma longa pausa foi desafiador, mas nos trouxe autoestima, disciplina e uma sensação de conquista.

- Fortalecimento da comunicação: redigir trabalhos, apresentar ideias e participar de discussão em grupo reforçou nossas capacidades comunicacionais, essenciais para o jornalismo.

- Networking e suporte: encontramos uma rede de colegas, professores e profissionais que enriqueceram nosso olhar e abriram portas para projetos futuros.

Nossa chegada à universidade não foi apenas uma conquista — foi um ponto de virada: unimos prática e teoria, aprendemos a teorizar nossa prática. Trazendo credibilidade ao jornal “O Catador”, redescobrimos a força de estudar juntas, crescendo como comunicadoras, profissionais e pessoas.

Durante nosso percurso na universidade, nos deparamos com grupos partidários que criavam falácias e disseminavam retórica extremista em torno da nossa história e do jornal “O Catador”.

Os desafios enfrentados por nós duas eram diversos: as pressões políticas e mentiras que esses grupos propagavam com distorções sobre nosso trabalho e até tentavam associar-nos a agendas partidárias extremas, num esforço de deslegitimar nossa voz e nosso compromisso acadêmico-jornalístico. Criaram também um ambiente de hostilidade ideológica, de confronto com discursos autoritários, pois em diversos momentos enfrentamos

episódios em que a universidade se tornava campo de batalha ideológica, com retórica de que o mundo acadêmico era “doutrinação”.

Chegando à universidade, o que importava era reforçar nossa estratégia: aproveitar ao máximo nossos excelentes professores, a biblioteca como espaço de convivência, o laboratório e o estúdio de gravação — todos esses ambientes foram fundamentais para nossa construção acadêmica e profissional.

No entanto, também vivenciamos momentos de grandes conflitos e decepções, especialmente pela presença de professores envolvidos com a política local, que de certa forma destruíam a imagem do Campus XIV, um espaço já estigmatizado pela população de Coité.

Logo no início da universidade, conhecemos o professor Moisés Viana<sup>3</sup>, conhecido entre os colegas como “o terror do terror” — dizia-se que colocava todo mundo para reprovação no semestre. Na primeira aula, lembro como falava com orgulho de suas formações: teólogo, jornalista e, na época, finalizando o doutorado. Ali naquele momento, eu e Marilva ficávamos tímidas de falar sobre o jornal, mas tinha algo forte dentro de nós: nosso objetivo maior na universidade era defender o projeto “O Catador”.

E foi aí que Moisés se revelou nosso maior tesouro. Com sua simplicidade e simpatia, ele abriu caminhos para nossa pesquisa, orientando-nos a inserir menções às suas aulas e aos seus textos no nosso trabalho. Ele nos encorajou com pequenos imperativos:

- “Escreva errado, escreva.”
- “Leia errado, leia.”
- “Pronuncie errado as palavras estrangeiras, mas pronuncie!”

---

<sup>3</sup>Moisés dos Santos Viana, doutor em Difusão do Conhecimento pela UFBA e docente da UNEB, em Conceição do Coité, é referência quando se trata de estágio e pesquisa em Comunicação no Território do Sisal [academia.edu/universidadedoestadodabahia.academia.edu/6periodicos2.uesb.br+6escavador.com+6](http://academia.edu/universidadedoestadodabahia.academia.edu/6periodicos2.uesb.br+6escavador.com+6). Ele organizou obras fundamentais como “Cenas da Comunicação no Território do Sisal” (2018) e é coordenador de projetos que valorizaram experiências comunicacionais, especialmente relacionadas às mulheres produtoras rurais.

Foi ele quem nos inspirou a mergulhar nas teorias da comunicação, nas séries e documentários, nos sites jornalísticos e nas revistas científicas. Tudo foi incentivo dele, com grande generosidade intelectual.

Nosso maior desafio era provar a ele o quanto seu apoio foi grandioso na nossa história — e deixar claro para Moisés o impacto profundo que teve em nossas vidas e na trajetória do jornal “O Catador”.

A nossa transformação no campo científico se deve, em grande parte, ao nosso digno professor Moisés Viana. Sou imensamente grata por tudo — sobretudo pelo apoio que recebi no período de estágio. Lembro com emoção do momento em que, na biblioteca, ele me disse: “Não desista, Bárbara, por Marilva”.

Quero destacar a nossa equipe fiel: eu, Marilva, Kal, Joilson e Dhenisson — os escudeiros leais. Embora muitas vezes nos sentíssemos excluídos, construímos uma parceria belíssima e consolidada.

Juntos, realizamos grandes trabalhos, enfrentamos desafios importantes e desenvolvemos uma troca intensa de conhecimento. Em especial, eles não largaram a minha mão no momento mais difícil da minha vida.

No jornalismo, contamos com três profissionais excelentes: Cleidiana, André e Nisia. No início, sentíamos uma vergonha legítima de nos posicionar na construção de um produto impresso. Falar sobre jornalismo, discutir pautas e narrativas era desafiador. Porém, aos poucos entendíamos as mensagens que eles nos passavam.

O campo de visão era diferente da nossa realidade, e a prática, muitas vezes, contrariava nossa intuição. Ainda assim, queríamos absorver todo aquele conhecimento. Mesmo diante da dificuldade inicial, esses profissionais abriam novos horizontes: mostravam que o rigor, a persistência e a sensibilidade do jornalismo baiano — especialmente no interior — era algo a ser aprendido e incorporado.

No campo da Sociologia e do reconhecimento do trabalho coletivo, nossa querida Vera Rocha foi fundamental ao nos guiar com suas intervenções metodológicas. Lembro-me com nitidez de um estudo dirigido feito por ela, que traçou uma linha do tempo conectando os períodos históricos vividos por mim e por Marilva — nossas vidas, embora irmãs e filhas dos mesmos pais, foram estruturalmente distintas. Vera desenhou esse perfil social, considerando nossa formação e visões de mundo.

Ela abordou nossas trajetórias sob diferentes ângulos filosóficos e antropológicos, sempre respeitando nossas raízes religiosas. Essa abordagem foi fundamental para

justificarmos o propósito do jornal, conectando nossa identidade ao projeto “O Catador”.

Ao dialogar com esse referencial, Vera nos trouxe um olhar sociológico que cruzou nossas experiências individuais com os contextos mais amplos, promovendo uma reflexão profunda sobre nosso jornalismo e nossa comunidade.

Ela não só nos apresentou ferramentas metodológicas inovadoras, mas também ampliou nossa compreensão sobre nós mesmas como comunicadoras, irmãs e agentes sociais. Com isso, nossa pesquisa e o jornal “O Catador” ganharam mais sentido, respaldo acadêmico e clareza de propósito.

Durante os primeiros semestres, nossa ligação era quase terapêutica — Vera foi nossa psicóloga institucional. Em momentos de risco e vulnerabilidade, ela nos oferecia orientações palpáveis e acolhedoras. Num certo dia, ela me disse: “Faça isso, dê tempo e retorne.” E tantas outras vezes alertou:

“Bárbara, cuidado, você tem um filho e uma família.” Suas palavras mostraram que não éramos apenas alunas — éramos pessoas com histórias e necessidades específicas.

Vera acompanhou nossa caminhada de forma integral, oferecendo encorajamento emocional e profissional — especialmente em momentos de crise. Em síntese, nossa permanência e manutenção do projeto acadêmico-jornalístico só foram possíveis graças ao compromisso de Vera Rocha — que nos sustentou com método, empatia e firmeza.

Minha permanência na universidade, depois do falecimento de minha irmã, se deve de fato à dedicação de Vera Rocha, Patrícia Rocha e Nisia. Elas não desistiram de mim: ligavam com frequência, mandavam mensagem nas redes sociais e me direcionavam especialmente à importância de conquistar a graduação em Comunicação Social, por tudo que elas reconheciam da nossa trajetória.

## CAPÍTULO VI

### “O CATADOR”: MUITO ALÉM DE UM JORNAL IMPRESSO

Nossa transição para o digital foi cheia de resistência e aprendizado. No início, usávamos o Facebook apenas para publicar fotos dos eventos. Em nossa primeira semana, já tínhamos alcançado 5.000 amigos, mas as visualizações não geravam engajamento real — os likes não apareciam. Postávamos 300 fotos de uma vez, mas o retorno era quase nulo.

Assim, migramos para o Instagram, também com impressões interessantes, mas os seguidores continuavam passivos — sem comentar ou curtir.

A resposta nos levou a criar um site próprio: queríamos reduzir a tiragem do impresso, ampliar nosso alcance e oferecer um novo produto aos anunciantes, embora estes ainda estivessem relutantes em investir no digital.

Plataformas como Facebook e Instagram são estratégicas para direcionar tráfego ao site, mas exigem reorganização da produção e paciência para construir engajamento real. Nossa equipe estava reduzida. Eu, além das atribuições do projeto, escrevia e fazia as pautas do jornal, as coberturas jornalísticas e fotográficas. Marilva ficava na parte burocrática, vendas e anúncios do jornal, a distribuição do jornal era feita por mala direta domiciliária, pelos Correios.

O processo de convergência digital foi silencioso, difícil e muitas vezes frustrante — mas essencial, pois aprendemos que a migração exige tempo, investimento e engajamento real, não apenas presença online. Acreditar no digital nos levou a inovar com ferramentas e conquistar o espaço que vai além do papel.

Durante a pandemia, tivemos a confirmação do valor crucial do papel e da voz como meios de comunicação. Nosso território praticamente parou: as escolas fecharam e muitos não tinham acesso à internet— sem aparelhos tecnológicos ou habilidades para usá-los, viviam como verdadeiros analfabetos digitais.

Naquele momento, percebemos que todo o nosso esforço fazia sentido: numa região onde o digital ainda não chegava, o jornal impresso era a única forma de se comunicar e manter a comunidade informada.

O impresso voltou a ser essencial e insubstituível onde o digital não alcançava, em um cenário de "analfabetismo digital". Isso reforçou a relevância de nosso projeto: “O Catador” mostrou-se não apenas um jornal, mas uma ferramenta de integração social e resistência informacional.

## CAPÍTULO VII

### “O CATADOR”: VOCÊ PODE NÃO TER LIDO, MAS CONHECE

“O Catador” foi muito mais do que um jornal impresso: foi a voz de um povo que sobreviveu à exclusão, ao silêncio e à perseguição política. Em um território onde a cultura ensina que “o cacto dá flor sem água” e “o girassol sempre busca o sol”, nós fizemos renascer a comunicação com o mínimo, com o papel que carrega tanto informação quanto afeto.

Nosso jornal ultrapassou fronteiras físicas e simbólicas: gratuito e circulando no Sisal, foi lido até por quem ainda não sabia ler. Ele trouxe conhecimento, foi luta — sobre como resistir e construir dignidade em um território marcado pela oralidade e pela seca. Foi resistência e festa, em um lugar que sabe amar, acolher e dividir.

Em um contexto onde milhões no Brasil não tinham conectividade de qualidade, “O Catador” manteve vivas as conversas, as notícias e o afeto entre as pessoas.

Estes treze anos de história — muitos momentos guardados como memórias ocultas, outros até esquecidos ou poupados por medo — se entrelaçam numa narrativa de resistência, identidade e afeto.

Peço perdão à minha irmã, caso o livro-reportagem não tenha sido exatamente como ela esperava: a verdade é que escrever nem sempre foi fácil. Muitas histórias e silêncios a enfrentar. Dois anos escrevendo e pausando, deixando as lembranças fluírem apenas quando eu tinha coragem.

Agradeço aos leitores, simpatizantes ou críticos das “catadoras de informação”. Vocês foram parte dessa história.

A conclusão que me resta é simples e profunda: com “O Catador”, mostramos que embora você possa não ler, certamente você nos conheceu, confiou em nossas vozes e reconheceu nosso lugar na comunidade de Queimadas.

## CONCLUSÃO

“O Catador” é mais do que o registro da trajetória de muita gente que, mesmo sem saber ler, torna-se parte essencial da memória coletiva de um povo. Este livro é um convite à reflexão sobre a força de quem sobrevive nas margens, enfrentando a seca, a fome, a opressão política e a indiferença de muitos. Ao longo destas páginas, buscamos dar voz àqueles que a história oficial costuma silenciar: o povo do Sisal, que entre dores e lutas construiu uma cultura de resistência, partilha e esperança.

A história de “O Catador” nos ensina que conhecimento não se mede apenas pelo saber formal, mas também pelas práticas, pelas palavras ditas ao vento, pelos gestos de solidariedade que atravessam gerações. Que este registro sirva para reafirmar a importância da memória, da comunicação popular e do jornalismo comprometido com a verdade e com a justiça social. Afinal, como o próprio território nos mostra, há sempre um modo de continuar plantando vida no sertão, mesmo quando tudo parece estéril.

# “O CATADOR” – ÚLTIMA PÁGINA

## Memória registrada em papel: um jornal, muitas capas, uma história

### Ao longo de sua trajetória, “O Catador” atravessou fronteiras e marcou presença no cotidiano do Território do Sisal, sendo a voz dos invisíveis e o reflexo das lutas e vitórias de um povo. Nesta última página, deixo impressas as últimas capas que circularam, como símbolo da resistência, da comunicação popular e do compromisso com Queimadas(Ba).

